



Órgão Oficial
do Centro Acadêmico
«Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina
da Universidade
de São Paulo

O BISTUR

de novo sobre a representação de alunos

Após o artigo por nós escrito no último número de "O BISTUR", em que mostramos a necessidade da representação dos alunos nos órgãos dirigentes das escolas superiores, apenas apontando o nosso direito em tal representação e as vantagens que dela adviriam, recebemos uma série de críticas (no bom sentido da palavra), observações e opiniões de professores, quer particularmente quer na mesa-redonda sobre reforma universitária realizada na segunda quinzena de maio pelo CAOC. Assim sendo resolvemos escrever este novo artigo no qual tentamos responder algumas dessas observações deixando outras para mais tarde se ainda houver necessidade.

Foi dito que a existência de um só representante dos alunos em nada mudaria nossa situação na Faculdade, e foram apontadas duas razões: primeiro porque ele ficaria intimidado com a situação de se sentar entre os professores, perdendo assim a coragem para se manifestar e de nada adiantando sua presença. Isto talvez possa vir a acontecer já que haverá uma periódica mudança do representante dos alunos; entretanto podemos afirmar pela nossa experiência pessoal e pelo nosso conhecimento dos meios estudantis do país, que isto será uma raridade. Poder-se-ia em todo caso fazer uma profiliação de tais possibilidades, colocando-se mais de um representante, ou pelo menos um representante com direito a voto e um ou mais assessores que dariam um apoio psicológico e técnico ao primeiro. A outra razão levantada seria a de termos um voto minoritário que nada poderia fazer CONTRA o voto de maioria dos professores; ora é preciso que fique bem claro que vemos na nossa representação não uma batalha de alunos contra professores, tendo por campo a Congregação ou os Conselhos Administrativos, mas um trabalho harmônico no qual o aluno levaria ao conhecimento dos demais conselheiros, os pontos de vista e os problemas do corpo discente, de uma maneira clara e precisa, discutindo-os e esclareceria as dúvidas que surgissem; ao mesmo tempo, de outro lado, levaria aos demais estudantes o que é feito na administração escolar e o pensamento dos componentes das altas esferas da cúpula universitária.

Quando à questão das informações do Corpo Discente outra crítica nos foi feita: sendo o representante único ou em pequeno número, opinaria, saberia dos acontecimentos, acabando por fazer uma representação pessoal e não de todo o corpo discente. Isto poderia acontecer; cremos no entanto já haver solução para tal fato em nossa Faculdade: existe no Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" um órgão delibera-

tivo superior à diretoria do Centro, composto de seis membros representativos de cada ano do curso médico, que se reúne semanalmente para tratar dos problemas atinentes ao ensino e à vida universitária — A CONGREGAÇÃO DE ALUNOS; seria pois deste órgão que sairiam os representantes junto aos diversos Conselhos da Faculdade, não prestando conta de suas atividades e discutindo os diversos problemas antes ou após de cada reunião dos referidos conselhos.

A terceira observação que gostaríamos de refutar aqui é a de que a situação dos alunos atualmente é a melhor, pois estando fora da administração da escola, têm o direito de criticar e mesmo reagir violentamente contra certas resoluções dos professores. É evidente que esta não é a melhor atitude, pois é destrutiva; nosso desejo é o de colaborar construtivamente para o melhor funcionamento das Faculdades, mostrando nossos pontos de vista e também sabendo o porque de certas atitudes dos professores que às vezes por desconhecimento criticamos injustamente. Temos esperança e acreditamos mesmo que a nossa representação tornem desnecessárias as medidas drásticas que somos obrigados atualmente a lançar mão.

Queremos também deixar claro, que não temos a ilusão de que essa medida resolva o problema da separação existente entre professores e alunos. Muito mais deverá ser feito nesse sentido e não podemos descuidar; este é porém um primeiro passo e bastante simples de ser dado.

Muito mais poderia ser dito, entretanto talvez não seja necessário. Estamos vendo um número cada vez maior de professores compreendendo e apoiando esta reivindicação; apenas alguns ainda discordam ou estão temerosos de tomar uma posição. O que é preciso que se note, é que esta é uma ten-

importancia do serviço de pronto socorro no ensino médico

COMREGAÇÃO DE ALUNOS DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ" FACULDADE DE MEDICINA DA USP

Comissão

Se quizessemos verificar quais os quesitos fundamentais da formação técnica, propriamente dita, do médico, veríamos que pelo menos três fases devem ser cumpridas, para que se possa estar consciente de se ter formado um verdadeiro profissional. Assim, é incontestável que a prática médica com os enfermos hospitalizados, a prática com os doentes de ambulatório e a prática com os casos de urgência, constituem necessidades primordiais para os alunos e dever inadiável de toda escola de medicina.

Evidentemente a falta ou deficiência de um desses aprendizados conduzirá a um preparo incompleto ou insuficiente.

É verdade que em nossa Faculdade conseguimos atingir um nível de ensino nunca antes obtido, mas não admitir, sem presunção, igualdade com os melhores centros mundiais.

Acreditamos, porém, dado o desenrolar vertiginoso dos acontecimentos modernos, não ser possível qualquer pausa em nossa evolução. Isso representaria retrocesso. É imperioso aprimorar o que está bom, modificar o inadequado e se houver reparos a fazer, fazê-los imediatamente, se pretendermos manter a posição ora ocupada. Isto é progresso!

Também é verdade, que alguns pontos do nosso ensino ainda não obtiveram o desenvolvimento merecido.

Assim, por exemplo, é manifestada dificuldade do recém-formado diante de pacientes com sintomatologia frustrada, sem evidentes sinais de en-

tativa de inovação e como tal somente a experiência poderá demonstrar de sua utilidade ou não.
FRANCISCO HUMBERTO DE ABREU MAFFEI

fermidade. Todos nós sabemos como pode ser difícil, mesmo com longa prática, esclarecer determinados casos limitrofes da normalidade! Complicar-se-iam mais ainda, se mascarados por problemas de fundo psicológico. Tal dificuldade deriva da insuficiente prática que o acadêmico recebe nos ambulatórios.

Já nas enfermarias, mesmo em casos mais complicados o aluno conta com os recursos de laboratório, exames especializados, colegas, assistentes, professores. O nosso estagiário encontra atrás de si um anteparo na orientação técnica, moral e principalmente, em nosso entender, humano. Por isso, temos advogado tempo integral para o preceptorado aos estagiários.

Importantes modificações se têm realizado no curso médico e atualmente há tendência para um aproveitamento total do turno da manhã, dando oportunidade de estágio nas enfermarias em lugar de aulas práticas comprimidas no rígido horário de uma hora.

Desta forma o ensino com o doente hospitalizado recebe novos impulsos e da experiência realizada neste semestre, os resultados parecem muito promissores. Isto é progresso!

Quanto aos casos de urgência, impõem-se alguns retoques no atual sistema de aprendizado.

Como sabemos, as próprias características das doenças agudas requisitam do médico prática suficiente para resolvê-las sem falhas. Muito rara é a situação de emergência que não se complique pela demora. A doença não esperará que o médico consulte seus colegas ou professores. Um abdôme agudo, é agudo por poucas horas! Assim o são também a aritmia

LUIS GASTÃO DE SERRO AZUL
Chefe da Secção de Pronto Socorro
2.ª Clínica Médica "Prof. Luiz V. Décourt"

severa, o choque, o edema pulmonar.

E qual é a percentagem de doenças agudas? Assim teríamos na prática cotidiana um pequeno volume de casos urgentes?

As vezes o raciocínio pelo absurdo é necessário para evidenciar determinado fato. Deste modo, figuremos uma escola diante do dilema: só poderia fornecer, ou o ensino de enfermaria ou o ensino de pronto socorro. Qual será a melhor conduta? Parece que o óbvio não deve ser discutido.

Precisamos colocar o aluno em contato direto com os casos de urgência. Ele terá, então, a primeira impressão, assistirá o primeiro auxílio. E' desse contato, multiplicado por muitos outros, que ele obterá e desenvolverá sua experiência pessoal.

Poder-se-ia alegar que durante a residência ou após a formatura o aprendizado de P.S. seria mais útil e mais seguro. Estaríamos de pleno acôrdo. Porém, perguntamos, quantos formandos fazem residência? Quantos médicos podem continuar frequentando o hospital?

A maioria dos doutorandos, entretanto, inicia sua atividade profissional imediatamente após obter o diploma legal. Não é concebível, portanto, que não se lhe ofereça o necessário para um bom Não se pode avaliar uma Faculdade pelos méritos de seus professores, ou de seus pesquisadores. Uma Faculdade de Medicina, por definição, forma médicos. Sua qualidade será avaliada pelas qualidades de seus médicos.

Em nosso Serviço, estamos realizando um verdadeiro curso especialmente dedicado aos doutorandos que se repete cada 40 dias, conforme os rodízios estabelecidos. Na Secção, especialmente

adaptada para receber enfermos do Pronto Socorro, os sexto-anistas realizam estágios.

Embora possibilitemos aos doutorandos contato diuturno com doentes recebidos do P.S., logicamente, o primeiro auxílio já foi efetuado na internação.

Devemos, pois, manter estágio na sala de admissão do P.S.

Se com os meios atuais tal medida não oferecer eficiência, aparelhemos então aquela dependência, para que isso se realize.

O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo, foi criado especialmente para o ensino. Ele não é um simples hospital de assistência, onde importa principalmente o número de casos atendidos, como é possível supor.

regredir há cerca 17 anos atrás, época na qual propugnávamos por um hospital próprio, por se tornarem insuficientes as instalações que ocupávamos na Santa Casa de Misericórdia.

Complementando uma série de iniciativas benéficas que a experiência tem sugerido, acaba a C.A.S.E., em muito oportuna decisão de programar, dentre os rodízios nas diversas clínicas, também um período para o P.S.

Cremos, entretanto, que o estagiário deverá receber no P.S. um real ensino. Não será apenas um auxiliar da rotina, sem dúvida enorme, mas um elemento para receber ensino e auxílio. Deverá haver um verdadeiro preceptorado para o estagiário, idêntico ao que existe nas diversas clínicas. Ele terá assim, aprendizado, treino, trabalho, mesmo o de rotina, mas sempre sob a supervisão e a responsabilidade superiores.

diagnostico ... e terapêutica

relatório final sobre reforma universitária do 1.º seminário paulista de reforma universitária

- I — Sentido da Reforma.
- II — Pontos críticos da nossa Universidade
- III — Pontos para uma atuação concreta no sentido de promover a reforma da Universidade.

I — Sentido da Reforma:
A Reforma Universitária, que tem sido uma elevada aspiração da classe estudantil, desde longa data, e que agora tem neste seminário o primeiro impulso para sua consecução, não pode ser

compreendida: — como mera mudança de currículo, para aperfeiçoamento do ensino de matérias hoje ministradas; como simples reivindicação de classe, para a conquista de maiores privilégios para os estudantes universitários como depuramento do nosso corpo docente, inapto.

A reformulação universitária que pretendemos, fundamenta-se numa análise da sociedade em que a Universidade se insere e com a qual mantém relações de dependência mútua. Da análise da realidade brasileira, chegamos à perspectiva que se apresenta ao país: a Revolução Brasileira.

lise da realidade brasileira, chegamos à perspectiva que se apresenta ao país: a Revolução Brasileira.

Tal revolução pode ser expressa em duas diretrizes:

- 1.º) Do desenvolvimento, com a reformulação global da estrutura sócio-econômica do país. Esta diretriz tem por conteúdo: a) desenvolvimento econômico (indústrias básicas, sistema de transporte, reforma agrária, mercado interno, eliminação das disparidades econômicas regionais); b) desenvolvimento político; c) desenvolvimento cultural e educacional.

2.º) Do desenvolvimento comprometido com a promoção da classe operária, urbana e rural (fazendo de todo o povo o agente e beneficiário do processo, evitando que este se torne privilégio de uma casta).

Diante de tal perspectiva para o país e da análise dos fins da Universidade e seu funcionamento, chegamos à conclusão de que a Universidade não está colocada a serviço daquela perspectiva de progresso; antes,

é hoje um entrave para a execução dela.

Pôsto isso, a reforma universitária tem o sentido de adequar esta instituição de ensino ao processo revolucionário brasileiro, acima examinado.

II — Pontos críticos de nossa Universidade

- A — fundamentais
 - 1 — Origem histórica da Universidade.
 - 2 — Inserção na sociedade.

desfavorecimento

B — Específicas:

- 1 — Mentalidade
 - a) individualismo
 - b) inconsciência dos fins.
- 2 — Estrutura
 - a) isolamento das Faculdades;
 - b) sistema pedagógico;
 - c) verbais.

A — fundamentais:

1 — Origem histórica da Universidade

Nossa Universidade, nosso sistema de ensino superior, surgido num determinado momento histórico, organizou-se em um tipo de mentalidade e de estrutura dentro dos quais se mantém até hoje, apesar da modificação sócio-econômica do Brasil.

2 — Inserção na sociedade A quase totalidade dos quadros humanos da Universidade (corpos docente e discente) são preenchidos por elementos provindos das classes sociais economicamente mais favorecidas. Podemos pois afirmar que a Universidade se insere, não na sociedade, mas nas classes dominantes da sociedade.

Temos nesta sua inserção indireta na sociedade um outro ponto crítico da Universidade: Ela é um privilégio de classes pondo-se a serviço delas e não de todo o povo brasileiro.

Queremos lembrar que a seleção extra-educacional que se processa para o ingresso no curso superior (de base econômica e social, ao invés de baseado na capacidade intelectual e na aptidão vocacional) depende muito pouco da seleção feita nos exames vestibulares. O crivo injusto porque passa toda a juventude brasileira em idade de estudos, se processa durante todo o período do curso primário e secundário. É útil lembrarmos ainda que o crivo não depende apenas das deficiências econômicas do país e dos pais, mas depende muito da má orientação pedagógica de nossos cursos primário e médio.

Por estes dois pontos fundamentais podemos afirmar que a nossa Universidade não tem sido mais que uma super-estrutura (quase que totalmente importada) de uma sociedade alienada, isto é, deformada em sua base econômica, estratificada quanto à distribuição de benefícios econômicos e sociais, democrática apenas formalmente, em suma, desumana.

B — Específicas:

- 1 — Mentalidade
 - a) espírito individualista que se traduz por:

isolamento entre professores e alunos; dificuldade de trabalho em equipe.

Aberração total uma vez que a Universidade só pode ser compreendida como uma comunidade de trabalho.

b) inconsciência dos fins — A Universidade falha em sua missão de formar a pessoa humana.

Não permite que o aluno redescubra as verdades que lhe são apresentadas.

Forma profissionais individualistas, mantenedores da ideologia do "statuto quo" (com seus privilégios revoltantes) impedindo uma tomada de consciência das dimensões sociais da pessoa humana.

— A Universidade falha em sua missão cultural.

§ Não chega a ser repositório da cultura nacional.

§ Não tem suficiente iniciativa de pesquisa.

§ Alimenta-se de esquemas importados, em geral inadequados à nossa realidade.

§ Não fornece ao povo o conteúdo de uma cultura.

— A Universidade falha em sua missão profissional.

§ Não forma profissionais competentes devido ao caráter formalista, acadêmico, de nossa educação universitária.

§ Não forma profissionais de que a realidade nacional, regional necessita; não atende às condições do país; ministra, não poucas vezes, uma formação própria para um país desenvolvido.

§ Não forma técnicos de nível universitário, capazes de aproveitarem as potencialidades e superarem as dificuldades próprias do país, de suas diversas regiões.

— A Universidade falha em sua missão social

§ Está inserida no conjunto do processo educacional brasileiro que é globalmente oligárquico.

§ Não assume seu papel de liderança no campo intelectual na sociedade.

§ Não está em contacto com toda a sociedade e nem mesmo procura os meios para estabelecer este contacto; tal fato impede o cumprimento de sua missão de divulgadora de uma cultura ao povo, de modo que se crie e desenvolva uma verdadeira cultura brasileira, cultura essa que tornaria a sociedade consciente de sua destinação.

§ Não procura atender às necessidades do mercado de trabalho (emprego para profissionais universitários); não apresenta aos alunos todas as possibilidades e condições de emprego no mercado de trabalho em cada campo profissional; não apresenta os pontos de estrangulamento do mercado de trabalho para os universitários.

2 — Estrutura:

a) isolamento das faculdades, principalmente nas Universidades.

A Universidade acha-se desarticulada, excessivamente separada em faculdades "compostas". A desarticulação das faculdades influi poderosamente por ser fator de ilhamento da especialidade no complexo cultural, impedindo uma visão humanística não forçada do profissional com base na realidade.

b) o sistema pedagógico: O sistema pedagógico baseado quase que exclusivamente na "aula conferência" (descuidando-se da pesquisa e do "case systema") e na "donataria" da cadeira é um importante ponto de estrangulamento do ensino universitário. Este sistema, além de fragmentar a orientação da faculdade, não representa um estímulo à pesquisa (aliás considerada luxo entre nós e praticada quase que exclusivamente pelos apadrinhados dos "donos das cadeiras"). A "aula-conferência" que é seguida geralmente por apostilas, concomitantemente ao abandono da leitura de textos originais deixa de lado o estudo de casos práticos (duas coisas que provocariam a criação de hábitos mentais de elaboração de

pensamentos e encontro de soluções novas) — é de modo a impor ao aluno, sem espírito crítico e sem elementos para julgar, o pensamento do catedrático.

O caráter acentuadamente europeizado e formal da Universidade Brasileira, de molde a dar "visões gerais" ou "esgotar o assunto" em cada matéria, não é coerente com as exigências do desenvolvimento nacional. Este solicita da universidade brasileira a formação, a prazo curto e a baixo custo, de profissionais qualificados para o atendimento de nossos atuais problemas, ao lado da formação de pesquisadores de alto nível.

Só se conseguirá a formação dos profissionais da forma exigida se se atenderem a vários pontos de ordem drástica tais como: revisão rido letivo, reexame dos métodos didáticos, enfim, uma mudança do atual sistema pedagógico.

c) verbais

Quando ao problema financeiro, constatamos que o mínimo constitucional de 10% da renda federal e de 20% das rendas estaduais e municipais que deve ser destinado à Educação, não tem sido observado.

É de se notar, também, a má distribuição desta parca verba nos diversos graus de ensino e o emprego dela em construções suntuárias, que, nem por isso, melhor atendem às nossas necessidades.

III — PONTOS PARA UMA ATUAÇÃO CONCRETA NO SENTIDO DE PROMOVER A REFORMA DA UNIVERSIDADE

Em decorrência dos estudos feitos, dos trabalhos desse Seminário levado a efeito, focam aqui determinados alguns pontos para uma nossa atuação concreta.

um pedaço de amazonia

depoimento de um colega que participou da II bandeira científica

Quando, uma pessoa que nasceu sempre viveu e vive no asfalto paulista, uma pessoa que vê fábricas e mais fábricas acotovelando-se uma contra as outras no Braz, em S. Miguel, na Lapa, etc. poderia sentir, na carne, o significado da falta de energia?

Como é incompleto o aspecto de uma cidade quando nela faltam chaminés, quando não se ouvem sirenes, quando não se sente o cheiro de fumaça misturado ao do escapamento dos automóveis?

Pasmem os incrédulos e ingenuos mas é exatamente este o aspecto, absolutamente incompleto, anêmico e insatisfeito que se encontra na amostra de Amazonia em que estivemos: Pará.

São lugares comuns frases como: O Brasil é um gigante adormecido; o Brasil dorme sobre ouro, etc. etc. e muitos outros Brasils. Estes chavões, entretanto, agulhoam-nos implacavelmente quando estamos na Amazonia. Aqui, não só se dorme sobre ouro, mas respira-se ouro, fareja-se ouro, sufoca-se com ele, frustra-se com ele e por fim aborrece-se com ele. Ora, os Moura Carvalhos resolvem então continuar dormindo, uma vez que se forem olhar para ele serão capazes de vê-lo mesmo e então terão que extrair-lo, e isto dá trabalho.

Em todas as cidades que visitamos não encontramos uma só indústria decente. Simplesmente porque o Pará não tem indústrias.

Vimos alguns remanescentes da inquisição movidos por autênticas galés, as quais faziam entrever que dia virá em que o homem poderá se libertar da energia da máquina-vapor e das máquinas a óleo. Para a Amazonia este dia está muito longe.

Como curiosidade e reliquia mesmo, ainda há oficinas (não se pode dizer indústrias) movidas a vapor e a óleo-diesel. As pessoas interessadas nestas antiguidades comunicamos que elas se encontram no Estado do Pará — Brasil.

Como se pode conceber que um Estado rodeado por bacias fluviais não possui energias caradas para alimentar seu progresso? Para alguns, como o prefeito de Capanema, por exemplo, esta situação anômala é consequência de patifarias. Ora, cada um com sua interpretação. Entretanto, observamos o contrabando, que é a única fonte de renda oficial do Estado. Allah proteja os contrabandistas, que com o seu trabalho honrado, sustentam a economia paraense.

Fomos para lá com o intuito de ver o assim chamado problema médico da região e para nossa surpresa, não o encontramos. Simplesmente porque não há

problema médico. Há problema social.

Para que dar-se quilos de piperazina a um suburbano qualquer, se ao mesmo tempo não se lhe dá educação sanitária?

Atitude completamente paliativa e quiçá inútil, mesmo até prejudicial. Aqui diria o prof. Pessoa: aplique-se a solução adotada na China; façam-se campanhas para melhorias sanitárias, etc. etc.

É uma idéia. Apresentem-se outras e, principalmente realize-se uma delas.

Nos exames do material colhido, o que se procura não é fezes infestadas e sim fezes que não estejam infestadas. Este último achado é relativamente raro. A gente chega até a duvidar da exatidão de um exame quando ele é negativo. Facilmente compreende-se a ineficácia citada de tratar-se estas infestações. Ao tempo em que o paciente está eliminando os seus ovos e larvas, está ingerindo novas cargas. No máximo pode haver ligeira melhoria, até que a carga nova alcance o estado da anterior que foi eliminada. Note-se que até aqui falamos de parasitas relativamente benignos (ascarídiase, ancilostomose, etc.). E a esquistossomose que em Capanema é verdadeira doença profissional? Sim, porque nesta cidade cultivava-se a malva e em dada fase do cultivo deste vegetal deve-se mergulhá-lo em água. Isto é feito nos igarapés, onde tranquilamente vivem os inocentes caramujinhos com as cercárias.

Qual é o sindicato que vai cuidar dos fígados cirróticos dos privilegiados pela escola do Schistosoma?

Para surpresa bem agradável nossa, vimos logo após a uma volta subir ao Ministério da Saúde, um paraense, ex-colega da Faculdade do inolvidável mestre e amigo Leonidas de Mello Deane.

Será que o dr. Catete Pinheiro vai cuidar do problema primeiro social, depois, muito depois, médico de seu Estado, se então o encontrar? Que futuras Bandeiras tragam notícias a respeito. ALTAMIRO RIBEIRO DIAS

comissão de reforma universitária

O movimento que agita todos os estudantes universitários do Brasil atingiu, como não podia deixar de ser, a UEE de São Paulo com toda a força que a responsabilidade impõe. Assim é que o seminário de RU realizado de 29.4 a 5-5 pode bem ser considerado como uma realização de máxima da atual diretoria.

Com vistas a tal "conclave", o C. A. O. C., pela sua Congregação de Alunos, constituiu uma comissão de estudos (da qual saíram três representantes para tal Seminário), que ficaria encarregada de coordenar os estudos da Reforma Universitária em nossa Faculdade. Não falaremos aqui do Seminário da U. E. E. nem do que realizou a UNE na Bahia. Sobre eles, oportunamente, os colegas serão informados.

Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar-lhes a Comissão de Reforma Universitária, o que tem feito e o que pretende fazer.

Sua primeira atividade foi a elaboração de um questionário que foi distribuído aos colegas antes do Seminário da UEE, o qual visava levantar o problema em nossa escola.

Após o Seminário, tal grupo de estudo organizou uma mesa redonda sobre a Democratização do Ensino. Nesta foi, dentre outros pontos, ressaltada a importância de uma Universidade ser autônoma, livre de quaisquer influências estranhas.

Destaque-se aqui a importância do contato entre professores e alunos para análise conjunta dos pontos que entram e bom andamento do ensino superior, tanto no que se refere a problemas comuns de todas as Faculdades como naqueles específicos de nossa escola. É fundamental esta maior aproximação entre corpo docente e discente; não podemos mais ficar naquela posição cômoda de ver coisas erradas e nos limitarmos a críticas que nunca ultrapassam os corredores da Faculdade. Se há falhas em alguns departamentos (alguns no caso significa quase todos) devemos chegar aos dirigentes e com eles procurar fórmula melhor, de que todos tiremos maior proveito. Na mesa redonda já realizada, tornou-se patente a boa vontade de muitos de nossos mestres, haja vista seu comparecimento ao debate, as idéias que levaram, e seu propósito de continuar colaborando no sentido de obter-se alguma coisa de melhor. Também eles sabem e sentem que muito há de er-

rado e que as reformas têm de vir o mais breve possível.

Queremos comunicar também que já iniciamos o trabalho com professores a fim de estudarmos juntos a maneira de sanarmos as falhas de cada Cadeira. De nossas conversas com os professores de Higiene, já saiu alguma coisa de palpável e que poderá ser posto em prática a partir do ano que vem.

Continuaremos com estas entrevistas neste semestre, intensificando o processo depois das férias.

Visamos também conseguir um melhor entrosamento entre Departamentos afins. Isto evitaria que certos assuntos fossem repetidos numerosas vezes, em detrimento de outros que, embora importantes são deixados de lado "por falta de tempo". Faz parte de nosso estudo, um meio de acabar com o tipo de "aulas magistrais" e fazer com que as aulas ditas práticas realmente sejam.

Estão sendo objeto de nossas considerações também a criação de outros cursos no currículo médico, como por exemplo, Psicologia Normal e Sociologia e redução do número de aulas de alguns Departamentos (Medicina Legal por exemplo). Chamaremos para tanto, todos os colegas e professores para contribuírem com suas idéias neste aspecto da questão.

Bem sabemos que ainda mais importante que esta reforma do currículo seria uma Reforma de base da Universidade Brasileira pois ela não está satisfazendo às necessidades de nosso país. Problemas variados e complexos aí estão a prejudicar nosso desenvolvimento e pedindo solução. Por exemplo, seria necessário dar-se maior impulso às pesquisas na Faculdade, voltando-as essencialmente para os problemas nacionais. Está claro também que precisamos de uma efetiva democratização de ensino. E quanta coisa mais precisaria ser atacada! Tomemos consciência da situação e procuremos soluções e reformas objetivamente, oferecendo às autoridades idéias bem fundamentadas e pressionando-as a fim de que tais idéias se tornem realidades. Se estivermos unidos, se soubermos definir bem nossas aspirações e lutar por elas firmemente, muito haveremos de conseguir.

Pela Comissão de Reforma Universitária:

Ivanilde Rosária Milito
Carlos Regis B. Rampazzo

Hospital San Remo S. A.

Av. Ana Costa, 473-477

SANTOS

Telefones:

4-1752

4-4066

NOVATROPINA

LABORATÓRIO STEG SINTÉTICO

FILINASMA

mesa redonda sobre a fmusp

Por iniciativa da comissão de reforma universitária, realizou-se uma franca discussão entre professores e alunos. Ambas as partes concordaram, numa palestra sincera e por isso mesmo um pouco exaltada, que na universidade e em seu ensino há muito o que modificar. Participaram de um lado, cerca de 200 colegas, e de outro os profs. Charles, Junqueira e Lezer; os doutores assistentes: Lacaz, Hidelbrando e Ferreira, além de um representante pessoal do prof. Zeferino Vaz.

Iniciou o debate o vice-presidente da UEE, José Carlos Seixas, que fez uma introdução aos pontos constantes da agenda.

1. Democratização do ensino.
2. Entrada do aluno na universidade.
3. Cátedra vitalícia.
4. Representação de alunos nos órgãos de direção.

O primeiro a tomar a palavra foi o prof. Charles, começando por dizer que não tinha vindo para discutir e sim para expor seu ponto de vista a respeito dos diversos itens e «falar» com os alunos, coisa que confessou dar-lhe prazer. Entre os pontos espostos, escolheu o da cátedra vitalícia que defendeu sob o tema: «Ruim com ela, pior sem ela». Falando também sobre a representação de alunos nos órgãos de direção, esclareceu que não acha necessária pois:

1. Acredita já haver um contato satisfatório entre alunos e mestres. Entretanto quando acha necessário e conveniente esculta a opinião de alguns alunos.
2. Que um aluno não representa o pensamento do corpo discente.

3. Que um aluno perdido entre tantos catedráticos será provavelmente envolvido.

4. «Há coisas que se passam na congregação que nós preferíamos que os alunos não tomassem conhecimento».

Neste momento, perguntando um aluno que coisas seriam essas, ouviu-se a voz do professor Lacaz: «São essas coisas exatamente as que precisam ser ditas».

Não satisfeito o prof. Lacaz tomou a palavra, enquanto o prof. Charles abandonava o recinto, e proclamou «Urbe et orbi» o seguinte:

Há uma corrente que amarra e tole o desenvolvimento da Universidade, cujos dois lesos principais são: A AUTONOMIA que não existe, nunca existiu, e nem pode existir enquanto não for cortado o cordão umbilical que drena as verbas governamentais através de estranhas placentas, e a VITALIDADE DA CATEDRA, que mesmo seus defensores admitem não ser um sistema

ideal, e como nunca foi tentado outro, vamos ao menos procurar um que seja mais satisfatório.

Declarou depois que a USP e por extensão a FMUSP estão como: «uma goiabeira velha cheia de teias de aranha e frutos podres».

Além das causas acima referidas, outra que nos leva a este triste estado «goiaboso», são as INFAMES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO de um modo geral, que causa a procura de um meio de vida extra universitário, pelos do-

O prof. Ferreira retomando o caso da vitalidade da cátedra, disse não achar este o maior entrave ao desenvolvimento da USP e acredita que nas condições atuais, se para um concurso único já há tanta politicagem, seria impossível trabalhar e ensinar com concursos periódicos que obrigariam ao prof. uma ininterrupta atividade de competição.

Estas objeções foram respondidas por parte da assistência com a remota esperança de que no futuro o catedrático seja simplesmente para dar aulas, pesquisar,

2. — As faculdades de São Paulo estão formando excesso de médicos, em relações a população da cidade, e ao mesmo tempo roubando material humano de outras áreas.

Portanto a solução não é aumentar o número de vagas das faculdades desta capital. Ainda mais levando em conta que elas não formam médicos para trabalhar nas atuais condições precárias de outros estados locais mais subdesenvolvidos. Aliás por suas indecentes condições atuais, o curso secundário, com seu

Sugeriu, o que na nossa opinião é a melhor solução para o problema da cátedra: O «professor associado» seria o cargo máximo da hierarquia universitária. Cada departamento seria dirigido por um conselho departamental que teria um diretor temporário em caráter de rodízio. Declarou que por crível que pareça, há catedráticos que embora estáveis, têm pruridos ciumentosos pelos trabalhos científicos de seus assistentes, conhecendo-se o caso triste de um professor que há anos não aparecia na

e mestres se reúnem para debater em comum e sem preconceitos de posição, os problemas de interesse mútuo.

O prof. Junqueira finalmente concluiu que impera nesta FMUSP o mais puro caciquismo ou caudilhismo, como se queira. Estamos num país que «mergulhou na palhaçada do desenvolvimento» e quer tampar com uma peneira seu triste estado de evolução.

A precária estrutura universitária seria uma decorrência direta deste fenômeno social, tanto no corpo docente como discente; sendo uma agradável surpresa o fato de ter encontrado alunos, com vontade e posição de luta para debater estes problemas.

Nossas conclusões:

1. A universidade como está não pode continuar.
2. Apareceu um novo problema básico para a reforma, qual seja, o da autonomia universitária que vem se arrastando desde Armando Sales de Oliveira, sem encontrar solução. Entretanto somos visceralmente contra a autonomia sem representação do corpo docente, pois de outra maneira ela só servirá para incrementar a formação de grupos que visam principalmente os seus interesses, como mesmo nos moldes atuais se pode notar.

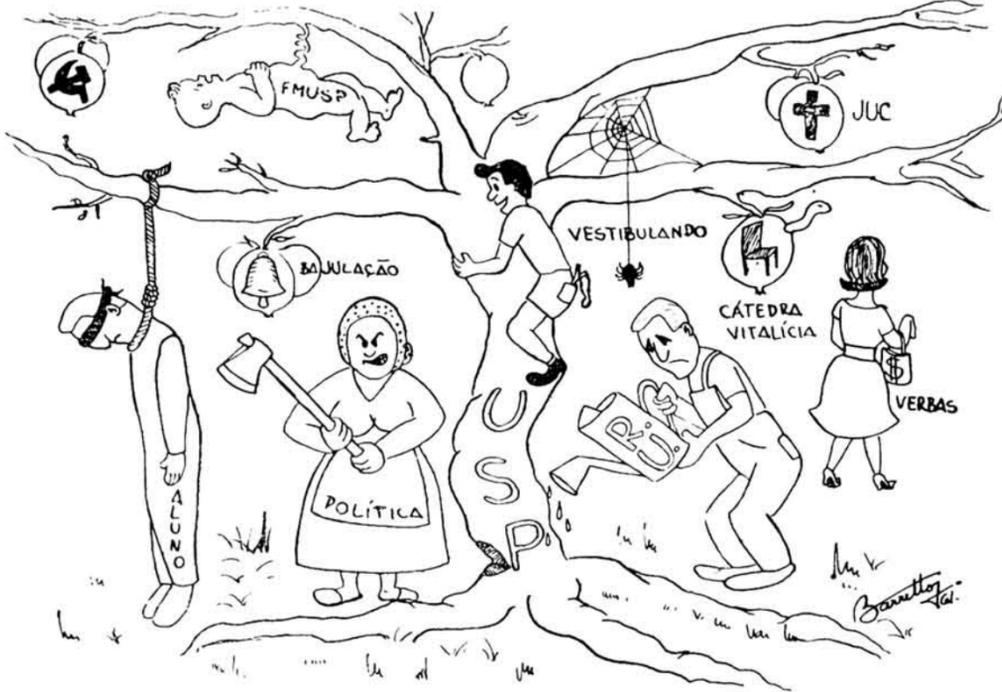
3. Apesar das defesas da cátedra vitalícia, continuamos na firme opinião de se trata de um sistema ultrapassado. A melhor posição apresentada foi nitidamente a do prof. Lezer.

4. A representação de alunos nos órgãos de direção é uma medida a ser tomada de imediato, pois depende apenas da boa vontade dos professores, e traria reais vantagens na luta pela melhoria do padrão de ensino.

5. As condições monetárias de tempo integral, precisam urgentemente ser revistas e melhoradas.

6. Este primeiro encontro serviu principalmente para mostrar que existem inúmeras coisas erradas esperando solução, e quanto teremos que lutar para conseguir uma universidade digna de tal nome.

C. e J.



oh,
goiabeira
porque
estás
tão
triste

centes, bem como a ineficiência didática das cadeiras clínicas onde há quem trabalhe um quarto de período; por outro lado provoca a inviabilidade do tempo integral sem o qual é impossível pretender-se fazer ciência. Daí resulta que o pouco que temos de tradição e trabalho científico se esvai. Ninguém mais quer ficar nas cadeiras básicas, para aguentar salário de fome. A época em que o cientista trabalhava em fundo de porão, à Claude Bernard e morria tuberculoso ganhando um busto e alguns discursos 20 anos depois, já passou.

Daqui a algum tempo vai-se notar que os atuais cientistas não deixaram sucessores, e todos sabemos que hoje não é mais possível limitar a medicina a mera importação de ciência. Apesar da goiabeira estar velha e capengando ela ainda produz alguns frutos que embora verdes nos são preciosos. Estas palavras provocaram um vivo interesse na assembléia que aplaudiu freneticamente o doutor Lacaz.

administrar o departamento e não paranganar melhores salários e posição social.

O prof. Idelbrando partiu do princípio de que a universidade é um reflexo da sociedade, e que a nossa não comporta ainda pesquisa, sendo dependente de outros em moldes coloniais. O problema mais importante não é o da cátedra e sim o da carreira universitária que deveria ser escalonado organicamente, partindo da monitoria, assistência, docência, prof. adjunto, e finalmente o catedrático. Tanto isso é o principal que a maioria dos professores de cadeira básica foram candidatos únicos, e nos casos de concorrência o derrotado encontrou imediatamente outro lugar. A cátedra vitalícia com todos os seus defeitos garante a estabilidade do prof. da melhor maneira possível, tendo sido o único obstáculo a expulsão sumária do prof. Samuel Pessoa por ocasião da guerra da Coreia. Disse depois que a valorização lenta do pesquisador numa sociedade em evolução permitirá corrigir no futuro esse erro.

Refutando o clássico argumento do prof. Charles de que é fácil criticar e difícil apontar soluções, disse o prof. Idelbrando que a realidade é outra: «O mais difícil é criticar». Só com críticas objetivas é que se pode mudar alguma coisa.

Em seguida tomou a palavra o prof. Lezer que analisando o problema do vestibular, chegou as seguintes conclusões.

1. As vagas devem ser função da necessidade profissional.

preparo mediocre e mal orientado, causa um desequilíbrio entre a necessidade de médicos e o número de indivíduos encaminhados a esta profissão.

Analisando o delicado problema da cátedra disse que o catedrático é virtualmente um rei com direitos ilimitados sobre o curso e seus assistentes, o que além de medíocre é degradante. «O catedrático precisa ter um limite de poder e um mínimo de obrigações».

escola, um belo dia demitiu sumariamente, em explicações todos os seus assistentes.

Criticou ainda a forma atual dos concursos para cátedra que não deve continuar sendo um «concurso contra alguém», o que seria solucionado pelo sistema sugerido.

A respeito da representação de alunos nos órgãos de direção, manifestou sua posição favorável, e nos contou a salutar experiência que está sendo feita na Escola Paulista, onde grupos de alunos

leia

anais científicos

traço de união das nossas faculdades

Viaje a SP viaje bem

Insulina Labor

obtida sob forma de cristais, possui a mais alta potência biológica

Primeira Insulina Cristalina fabricada no Brasil.

Pureza, estabilidade e atividade comprovadas por controles químicos e biológicos rigorosos, comparados com padrão internacional fornecido pela Organização Mundial de Saúde.



Indicações: Tratamento do Diabete açucarado e do Coma diabético.



Indicações: Tratamento do Diabete não complicado.



Indicações: Tratamento do Diabetes Mellitus, severo e moderado.

LABOR TERAPICA-BRISTOL S. A.
Indústria Química e Farmacéutica - Rua Carlos Gomes, 924 (Sto. Amaro) S. Paulo

relatório do seminário de reforma universitária

— Os universitários de São Paulo, para processar a reforma da Universidade (Ensino Superior), devem:

1 — Promover em todas as Faculdades debates e mesas redondas, com elementos do corpo docente e discente, para o esclarecimento das missões da Universidade e para que os universitários, delas tomando consciência, lutem para sua concretização.

2 — Promover maior atuação e divulgação da UEE, dos DDCCEE, e dos CCAA, os quais devem criar, manter e estimular o espírito universitário.

3 — Provocar a tomada de consciência de que somos um grupo altamente privilegiado dentro do país, e por isso temos obrigações para com a sociedade, não só após a conclusão dos cursos, mas já, enquanto ainda estamos na Universidade.

4 — Ter bem claro que para o êxito de quaisquer campanhas reivindicatórias é imprescindível a concretização de uma verdadeira unidade da classe estudantil.

5 — Aprofundar o conhecimento das leis e divulgar o que já existe de atualizado na legislação de ensino, para facilidade de nossas lutas e para a aplicação imediata de certas medidas legais.

6 — Persistir na luta pela autonomia universitária:

a — Didática: exigindo a restrição dos atuais limites de que, sem quebrar a unidade de ensino, voltada para o interesse nacional, permita liberdade para o atendimento das exigências regionais;

b — administrativa: aperfeiçoada pelo co-governo;

c — econômica: de molde a impedir a ingerência de elementos estranhos à Universidade.

7 — Combater a vitalidade da cátedra, defendendo, entretanto, a estabilidade do professor, como garantia da liberdade de cátedra; em consequências, pugnar pela instituição de concursos periódicos para os catedráticos, (através de provas, produção científica, atualização e levantamento do aproveitamento por parte dos alunos).

8 — Lutar pela estruturação da carreira universitária de forma a possibilitar o acesso de maior número de elementos capacitados ao magistério; em consequências tornar obrigatório para todas as faculdades a formação de um corpo docente em que os professores passem sucessivamente pelos seguintes estágios: assistente, professor adjunto, livre docente, catedrático.

9 — Lutar para que se concretize em todas as faculdades um entrosamento entre as diversas cadeiras (ou departamentos) de cada escola, para a organização dos currículos (visando a formação do profissional para a sociedade e não a especialização precoce do aluno em cada uma das cadeiras do curso).

10 — Lutar pela reunião das cadeiras básicas afins, existentes nos cursos de diferentes faculdades de uma universidade, (criação de "institutos"), visando a elevação do nível de ensino, o desenvolvimento do espírito universitário e uma melhor aplicação das partes das verbas destinadas à educação.

11 — Forçar que os alunos participem do planejamento e da execução de pesquisas, como auxiliares.

12 — Exigir representação dos alunos nos órgãos técnicos administrativos (CTA, Congregação de Faculdade, Conselhos Departamentais) das faculdades e das Universidades (Conselhos Universitários), parecendo-nos ideal a representação paritária com professores e ex-alunos.

Os ex-alunos, reunidos

em instituições de classe, devem ser ouvidos sobre os problemas de ensino (em especial, da formação profissional).

13 — Lutar pela dotação de maiores verbas para a educação.

14 — Estudar objetivamente as reais necessidades financeiras das Faculdades a fim de rebater escamoteações na falsa "falta de verbas" para desculpar cursos mal ministrados.

15 — Denunciar gastos na construção de obras secundárias e fiscalizar para o melhor aproveitamento das instalações.

16 — Lutar para que os recursos financeiros públicos sejam destinados exclusivamente à expansão quantitativa e à melhor qualidade do sistema público de ensino, salvaguardados os casos em que se evidencia total impossibilidade ou inconveniência do Estado em promover, por si, o bem comum.

17 — Lutar pela democratização do ensino, fazendo campanhas para a expansão do sistema público de ensino e a abertura progressiva do sistema privado a todas as camadas da população.

18 — Fazer pressão para que sejam atualizados os cursos primários e secundários, para a expansão do ensino técnico industrial e agrícola (exigido pelo desenvolvimento da nação e pelas aptidões vocacionais de grande parte da população brasileira).

19 — Tentar obter a efetivação real da orientação vocacional nas escolas de nível primário e médio.

20 — Pugnar pela criação de bolsas de estudo para manutenção do aluno (desde o nível primário), observando na distribuição, as necessidades econômicas do aluno e as necessidades do desenvolvimento econômico do país, controlando-se esta distribuição por órgãos paritários de professores e alunos.

21 — Promover, aos alunos que pretendam trabalhar, estgios nos campos profissionais específicos.

22 — Estudar a possibilidade da criação de cargos de monitores (em todas as faculdades) para propiciar melhores perspectivas aos alunos, notadamente para os que almejam ingressar no magistério.

23 — Forçar as direções das universidades e faculdades a organizarem cursos de extensão que possam atingir os mais amplos setores da população (isto em decorrência de ser a Universidade um órgão de dinamização da cultura no meio em que está inserida).

24 — Promover imediatamente pelos CCAA, ou UEE, ou DDCCEE, um contacto vivo e produtivo dos estudantes com a realidade brasileira, através da criação de cursos de alfabetização, "cursos de leis trabalhistas", "cursos para mestres de obra", "ambulatorios populares", etc. (cursos e serviços estes que devem ser concretizados não só dentro do recinto das Faculdades, mas nas fábricas, órgãos de classe, Favelas, etc.).

25 — Lutar contra a indiscriminada criação das faculdades, especialmente das que não visam atender à demanda nacional.

26 — Manifestar-se vigorosamente, sempre que observarmos o critério do interesse político ou grupal na criação de faculdades, na estatização de escolas ou universidades, e no provimento de cátedras.

27 — Reivindicar uma rigorosa regulamentação das profissões.

ITEM FINAL — Conhecer o projeto da Universidade de Brasília; acompanhar, fiscalizar a sua concretização, uma vez que ela se apresenta como uma experiência nova e mais adequada do Ensino Superior no País.

o que é uma bandeira científica

A vida acadêmica como todas as outras é caracterizada por uma série de atividades desenvolvidas pelos seus participantes. Estas atividades pertencem a dois grandes grupos: são intra ou extra curriculares. Dentro desta última classe podemos ainda situar aquelas atividades diretamente relacionadas com a profissão futura e aquelas outras que não estão orientadas neste sentido. Nesta ordem de idéias podemos ir ainda mais longe, localizando dentro da profissão médica dois campos distintos que são capazes de qualificar o profissional: o primeiro refere-se a cultura médica propriamente dita e o segundo ao aproveitamento desta cultura da melhor maneira possível para o benefício do povo o qual efetivamente suporta o peso do ensino médico.

Agora, já é possível chegar-se ao sentido mais geral de uma Bandeira Científica dizendo justamente que ela é uma atividade extracurricular diretamente relacionada com a formação profissional do acadêmico pela satisfação de necessidades próprias dos dois de seus setores mencionados.

Cumpre então mostrar a validade desta conceituação apresentando seus característicos específicos.

A Bandeira consiste na locomoção de uma equipe de acadêmicos para áreas determinadas do interior do país onde são cumpridos programas intensos de pesquisa científica debaixo da orientação das Cadeiras filiadas ao Instituto de Medicina Tropical de S. Paulo.

Pode-se pois, a partir do que foi dito, realmente mostrar que tal empreendimento tem objetivos capazes de satisfazer aquelas duas grandes ordens de necessidades exigidas na formação médica já que os outros tópicos do conceito dado são evidentes.

Assim, para a cultura médica propriamente dita temos os altos benefícios oferecidos pelo trabalho de pesquisa em si, convivo com casos in loco e vivência, numa época oportuna dos problemas profissionais.

Por outro lado a favor do aproveitamento futuro desta cultura médica de um modo mais interessante a bandeira proporciona aos acadêmicos contacto com os grandes problemas médico-sociais que em nosso país se revestem de significado especial. E' de se dar toda a importância a esse aspecto do empreendimento em estudo pois que a visão metropolitana da medicina constitui um dos serios obstáculos para a satisfação das reais necessidades médicas do povo brasileiro.

Pensamos que o que foi dito justifica eloquentemente os esforços desenvolvidos na organização das Bandeiras Científicas que acabem em boa hora contribuir com lugar de destaque ao lado das mais nobres tradições do CAOC e da FMU SP.

um convite aos médicos

A L. A. P. (Liga de Ambulatorios Populares) do C. A. O. C. surgiu como uma reação a um problema médico social, na zona urbana de São Paulo. A assistência desenvolvida por esta liga em seis favelas concorre como iniciativa e realização diante de tais problemas. Sem a preocupação exclusiva de aprendizado a finalidade desta e como outras ligas assistenciais do CAOC, deve ser assistência médica, mas também participação real na solução de problemas médicos sociais.

O médico no exercício integral de sua profissão pode e deve trabalhar para o bem pessoal de cada indivíduo e para o bem comum. No que refereta o bem dos indivíduos como tais, provavelmente não haverá dificuldades, visto que sendo o fim princípio de sua ciência a PESSOA DO HOMEM, no seu corpo e psiquê, é possível que, embora com a intenção de fazê-lo, proporcione um certo bem ao seu semelhante.

Esta prática do bem estará, no entanto se realizando, dentro de um ângulo demasiadamente estreito, o que nos permite concluir que é imperdoável para um médico deixar de procurar compreender a negligência, perpetuando um desperdício das potencialidades de sua profissão.

Vejamos uma das situações em que a atuação do médico será de seguro valor para o favelado e para a sociedade — Medicina Preventiva — é quase exclusivamente de alçada médico. É um campo que grita pelo médico. O bem comum neste particular está na dependência de seu espírito de solidariedade. Ele é insubstituível e, portanto não pode fugir a esse dever e a essa satisfação de realizar algo palpável pelo bem comum.

estas bases sólidas que vejam garantir assistência

médica a todos, assegurando, para os indivíduos, um estado de rigidez que lhes facilitará melhor servir à coletividade.

A extensão dos problemas das favelas e necessidades próprias de manutenção e funcionamento da LAP exigem mais do que esperávamos e as dificuldades crescentes, carência de médicos, estudantes, ambiente e instrumental adequados, medicamento e apoio financeiro, levaram-na quase a o fracasso. Entretanto, reconhecida por todos como necessária e de grande utilidade para os favelados VIMOS SOLICITAR AOS MÉDICOS SUA PARTICIPAÇÃO.

ÇÃO, pois a LAP continua funcionando com todas possibilidades de superação de suas dificuldades.

TOMEMOS POSIÇÃO CONTRA TAL ESTRUTURA DESUMANA, pois que é própria do homem uma reação contra tudo que vem contra sua natureza. O que vale é sair da inércia e não se deixar ficar nessa oposição passiva, conformista e comodista. O PROTESTO DO MÉDICO DEVE SER EXTERIORIZADO PEDA AÇÃO.

NOTA — A assistência médica é dada todos os domingos pela manhã e a participação do médico seria no máximo de uma vez por mês. A inscrição podera ser feita no CAOC.

JOÃO YUNES

LA DOLCE VITA LÍCIA

— Pois é — dizia o catedrático — Vocês pensam que há de lúcia em trabalhar, trabalhar e no fim ganhar tão mal?!
— Mas logo agora! que me encontro nessa idade.
— Pensando bem... eles têm razão.
— Eu acho que vou embora; vou clinicar lá fora.
— Que me adianta a cátedra vitalícia, se o tempo é integral.

— Vou-me embora meus senhores, vou-me embora sem alarde, deixo o cargo com bolores, pois vou indo já bem tarde!
— Deixo o cargo com bolores, quem o quiser que o tome e o renove todo ano num concurso para a fome!
K. Amargo



MÓVEIS DE AÇO

PADRÃO

Fabricantes de:

- ♦ COFRES
- ♦ ARQUIVOS
- ♦ FICHÁRIOS
- ♦ MESAS
- ♦ MAPOTECAS
- ♦ ARMARIOS DE ESCRITÓRIOS E DE BANHEIROS

Dirija-se à

PADRÃO Indústria Metalúrgica e Comércio S. A.

Av. Celso Garcia, 3215 — Fones: 9-3165 e 35-9097

Enderço Telegráfico: «Padrolita» — Caixa Postal, 10.636

POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGÉLICA

Camillo Morelli & Irmão Ltda.

Onde V. S. encontrará todos os produtos da famosa linha Texaco.

GASOLINA MOTOR OLEOS GRAXA ACESSÓRIOS

Especialidade em filtro de óleo para todos os tipos de automóveis.

ATENÇÃO E CORTESIA — Confiam os seus carros ao POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGÉLICA os Médicos, Alunos e Funcionários do H. C.

diretório central dos estudantes da universidade de s. paulo

mesa redonda - o universitário desperta para a favela

O CAOC da FMUSP, mantém há seis anos, entre outras ligas assistenciais, a Liga de Ambulatórios Populares (LAP), que em seis favelas de São Paulo, mantém postos de assistência médica. Todos os domingos estudantes de medicina vão às favelas onde, além da vacinação triplíce e tetânica, feita pelos alunos dos primeiros anos, é prestada assistência médica, que visa fundamentalmente a superação das condições infra-humanas destas populações.

Os estudantes são ainda despertados para uma visão de nossa realidade médico-social, sem a qual nossa formação médica estaria completamente devirtuada. Desde contacto semanal dos estudantes com a população favelada surgiu a preocupação geral pela superação do problema favela, não só em seu aspecto estritamente médico, mas uma superação que abrangesse a totalidade do problema. Em uma palavra, O DESFAVELAMENTO.

Para tanto, organizou-se uma comissão do C. A. encarregada de estudar e sensibilizar a Universidade, a sociedade e as autoridades competentes para resolução do problema. Com esse objetivo realizou-se uma mesa redonda, dia 9 de maio na FMUSP onde compareceram o Dr. Ariovaldo de Carvalho, secretário da Higiene; Dona Helena Iracy Junqueira, do Serviço Social da Prefeitura, representante do Brasil, na ONU; Dona Marta Terezinha Godinho do S. S. da Prefeitura e tese sobre favela em São Paulo; Dr. Celso Lamparelli, do Plano de Ação do nosso governo. Compareceram além dos acadêmicos de medicina, representantes de diversos centros acadêmicos e associações, que já trabalham nas favelas ou que pretendem começar um trabalho. A mesa foi presidida pelo presidente do CAOC, Francisco Humberto de Abreu Maffei.

I — RETRATO DA FAVELA

Após a abertura da sessão, falou Dona Marta Terezinha Godinho. Discorreu sobre o fisionomia da favela e as condições gerais dos seus habitantes. Relatou as condições fisiológicas especiais: a alimentação é parca e pobre; alguns fazem uma só refeição do dia. Cria-se o hábito de obter coisas do lixo: restos de feira, do mercado, etc. Ilustrou um episódio ocorrido em parque infantil; as crianças foram levadas ao estabelecimento e na hora da refeição fugiam para recolher restos na proximidade.

Não só na alimentação os maus hábitos estão arra-

gados como também em outros aspectos: em geral a higiene é precária; no Canindé havia uma única torneira para 200 famílias; o número de ocupantes é maior que o de cômodos, em que pese a exiguidade destes. Salientou em seguida a situação educacional carente e a econômica: "a renda mensal é mínima e chega, em alguns casos, à quantia de Cr\$ 600,00"

Demonstrou em seguida o passivismo do favelado e seu cepticismo em relação à sociedade, já que as tentativas de aproximação das outras camadas têm, não raro, interesses políticos demagógicos, cujos efeitos são demais nocivos.

"O ambiente psico-social que se cria nas favelas faz com que o ambiente delas desça a um estágio de vida infra-humano em diversos aspectos. O problema tem que ser encarado com seriedade e as atividades do CAOC são sérias, porque a entidade sente o problema."

II — CAUSAS GERAIS DO APARECIMENTO DE FAVELA

O Dr. Celso Lamparelli assim discorreu resumidamente sobre este tema.

O problema que na favela se apreseta com suas características agudas se manifesta também em outros pontos: nos cortiços, nos bairros periféricos e nas condições infra-humanas de vida existentes no interior.

Os fatores gerais e próximos que causam o problema são principalmente dois: renda familiar e nível cultural.

Uma família não pode viver com uma renda que varia de Cr\$ 600,00 a Cr\$ 3.000,00 por mês, com raras exceções. Essa situação reflete a estrutura econômica do país; a renda "per capita" é baixa e somente na medida em que o país deixe de distribuir a renda por um funcionalismo excessivo e pelo Exército ter-se-á uma solução para o sub-desenvolvimento.

Quanto ao fator nível cultural os habitantes da favela e isso não se faz há muitos anos. O interior é sempre muito esquecido favela não têm um mínimo de conhecimento e não têm participação na sociedade.

Além disso há o problema da urbanização, isto é, fuga para a cidade de uma massa enorme de população rural. Seria necessário que se planejasse e executasse tal havendo inclusive o problema da concentração de médicos na Capital.

III — UMA EXPERIÊNCIA DE DESFAVELAMENTO

Dona Helena Iracy Jun-

queira, assim nos relatou sobre sua experiência:

Reconhecemos que a favela é um problema relacionado com inúmeros outros do país e mesmo problemas internos e de política internacional. No entanto ela se nos apresenta como um dos aspectos mais gritantes de desagregação humana e social e como tal exige uma terapia imediata e radical.

Em São Paulo há 50.000 favelados, distribuídos em 150 favelas considerando como favela qualquer agrupamento contendo mais de dez barracos. Esses barracos aparecem na maioria das vezes em bairros bem constituídos (Lapa, Vila Prudente, Vila Mariana, etc.) sendo que não existem nos bairros periféricos onde o problema é o das casas construídas sem planificação.

Foram feitas várias vezes tentativas de desfavelamento por particulares. A descrita a seguir foi iniciada em janeiro de 1961 na favela do Canindé.

No fim de 1960 ocorreu uma enchente que invadiu a mencionada favela. Quase todo o ano ocorre um transbordamento do rio com danos bastante graves para a favela, sendo que este ano as consequências foram bem piores, de tal maneira que seria impossível àquela gente voltar para suas habitações e esperar nova enchente. Tal estado de coisas exigia uma assistência imediata, de emergência. O Serviço Social da Prefeitura resolveu, então, tomar uma atitude radical em relação a favela.

O plano de desfavelamento foi feito bastante às pressas. Iniciou-se com uma planta cadastral da favela e o estudo de cada família em particular, tentando responder as questões — Como desfavelar e para onde?

Deste estudo surgiram como soluções as seguintes hipóteses:

a) — Volta para os Estados de origem — no caso de pessoas que não estavam fixas a empregos, ou que doente contavam com família no seu Estado natal. O Serviço Social deveria nestes casos arranjar passagem, alimentação para a viagem e dinheiro para os primeiros dias.

b) — Aluguel de dependências — no caso de famílias cuja situação exigia que continuassem a morar nas imediações. Verificou-se que muitas vezes o problema consistia em dois ou três meses de aluguel dado em adiantamento que depois a família conseguia equilibrar o orçamento.

c) — Aquisição de casas populares por preços que variaram entre quarenta e setenta mil cruzeiros (muitas famílias possuíam terreno na periferia).

O censo do Serviço Social constatou 1.200 pessoas moradoras em favela, ou seja 221 famílias.

11 não pertenciam a favela (havia se apresentado com intenção de resolver seu problema através do Serviço Social).

100 famílias já saíram da favela. Destas 100, 2 foram para casa própria de alvenária na periferia, com fós-

sa e poço, 17 foram para casa de madeira que com o tempo se transformarão em alvenária; 15 alugaram dependência; 11 viajaram de volta ao Estado de origem; 3 não precisavam de ajuda do Serviço Social e foram intimados a sair da favela; 2 passaram a residir no emprego.

Por estes dados notamos que 50% das famílias saíram da favela e destes 50% foram para casas próprias.

CONCLUSÕES — Sabemos que a favela do Canindé é uma das que apresentam nível mais baixo de condições de vida, sem nenhuma tendência de associação (em outras favelas encontram Sociedade Amigos da Favela). Apesar disto a receptividade foi bastante grande com uma reação fortemente positiva daquela gente no sentido de resolverem sua própria situação.

As famílias distribuíram-se por bairros periféricos, principalmente os servidos pela Central em que a condução é relativamente barata. Embora as casas não tenham sido bem planificadas todas possuem poço e fôsa.

Se de um modo geral notou-se melhoria das condições de trabalho (aceitação nos empregos). As novas casas são bem cuidadas pelos ex-favelados. Sem dúvida houve promoção de uma situação péssima para uma outra um pouco melhor. Isso nos dá o direito de levantar a hipótese de que aquela situação de degradação humana em que se encontravam devia-se exclusivamente ao meio.

Se considerarmos o problema geral de favelas de São Paulo e quisermos resolvê-los poderemos tomar dois tipos de atitude: extirpação radical ou urbanização.

No Rio em que a população de favelados atinge a 600 ou 700 mil a solução é sem dúvida a urbanização ou seja, fornecer aos barracos água, luz, esgoto, centro de Assistência Social, ambulatórios, etc. No caso São Paulo pode-se pensar em extirpação porque a topografia da cidade favorece.

Vários aspectos negativos pode agora ser evitado com um bom planejamento prévio e em vista da experiência do Canindé



IV — RESUMO E CONCLUSÕES DOS DEBATES

Após a exposição dos conferencistas, houve debates com os assistentes.

Os assuntos levantados, de maneira geral, foram:

1 — CAUSAS DAS FAVELAS

Foi visto que as favelas são fruto de uma estrutura social injusta e que as soluções para elas precisam ser procuradas em medidas de reformas sociais mais amplas. Algumas medidas sugeridas: remodelação da estrutura sócio econômica do país de maneira que esta passe efetivamente a SERVIR O HOMEM; Revisão do sistema agrário e do sistema urbano de propriedade.

2 — O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Segundo o Dr. Celso Lamparelli o problema da habitação popular deveria ser visto sob dois aspectos: — o AGUDO, que é o caso da favela, onde a família e o indivíduo estão em condições infra-humanas, vivendo como marginais. Para este caso agudo, preconizou-se uma terapêutica de urgência, pois o problema do homem que não tem possibilidade alguma de realizar-se é urgente. NÃO PODEMOS FICAR A ESPERA DA MUDANÇA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS PARA ATENDÊ-LO. Ele precisa ser resolvido já, mesmo que incompletamente.

— O CRÔNICO que compreende todo um problema de mudança de estrutura e que transcende um aspecto puramente nacional, para atingir inclusive uma problemática internacional.

3 — LEVANTAMENTO DA SAGMACS

Foi discutido ainda um trabalho da SAGMACS (organização que fez o levantamento das favelas cariocas) sobre "Estrutura Ur-

bana de Aglomeração Paulista", que foi ENGAVETADO e que apesar de feito há quatro anos ainda é de grande utilidade. Dona Helena sugeriu o levantamento do problema junto à opinião pública e as autoridades competentes para que o trabalho seja divulgado.

4 — O PERIGO DE SEGREGAÇÃO DA POPULAÇÃO FAVELADA

Este aspecto foi levantado por Dona Marta Godinho, visto que um trabalho que dê assistência só na própria favela poderia contribuir para uma maior segregação da população favelada. Há necessidade de um serviço médico, por exemplo, de triagem para os diversos postos de assistência médica do governo, porque isto educa o favelado integrando-o no complexo social. Isto, aliás, já é feito pelos ambulatórios da LAP.

5 — CONTRIBUIÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS:

CONCLUSÕES PRÁTICAS Representantes de diversos CCAA e de outras entidades relataram sucintamente seu trabalho em favela. Outras entidades mostraram-se interessadas em começar um trabalho depois da mesa redonda.

Dona Helena sugeriu então, sendo apoiada por todos, uma reunião dessas entidades, com o Serviço Social da Prefeitura, para um plano comum de trabalho, para que os esforços sejam conjugados e não desperdiçados.

CONCLUINDO — A mesa redonda sobre favela atingiu amplamente seus objetivos: DESPERTAR O MEIO UNIVERSITÁRIO PARA O PROBLEMA E COORDENAR TODOS OS ESFORÇOS PARA SUA SOLUÇÃO. COMISSÃO DE FAVELA

LABORATÓRIO D A J A LIMITADA

Indústrias Farmacêuticas

RUA DA GLÓRIA, 553 FONE: 36-8280

(Prédio Próprio) — S. PAULO

CALÇADOS PELLEGRINI S. A. - Indústria e Comércio

FUNDADA EM 1902

PELLEGRINI

Calçados Finos

Escritório: RUA ASSEMBLEIA, 367 — Telefone: 32-4423

Loja: RUA SÃO BENTO, 234 — Telefone: 32-1123

SÃO PAULO — Capital

O maior espectro anti-bacteriano !

ESTREPTO QUEMICETINA

CARLO ERBA



A única associação a base de cloranfenicol e estreptomina administrável por via parenteral, garantindo a ação contemporânea dos dois antibióticos.

ação bacteriostática do cloranfenicol + ação bactericida da estreptomina

principalmente nas:

- Estafilococis
- Osteomielites
- Pneumopatis e Empiomas tuberculosos
- Coqueluche
- Febre tifoide — Bruceloses

Frasco- ampola contendo succinato de cloranfenicol equivalente a 1 g. de cloranfenicol e 0,500 g. de estreptomina, acompanhado de uma ampola de diluente de 10 cm³.

Ampola contendo succinato de cloranfenicol equivalente a 0,250 g. de cloranfenicol e 0,125 g. de estreptomina, acompanhado de uma ampola de diluente de 2,5 cm³.

PRODUTO LIOFILIZADO

Carlo Erba do Brasil S. A.

Indústria Químico Farmacêutica

Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 3465, Brooklin Paulista
Fone: 61-0398 — Caixa Postal, 21.006 — SÃO PAULO

O velho problema das favelas volta a ser discutido. Os CC.AA. reuniram-se com algumas entidades beneficentes e, parece que com certo apoio governamental, pretendem lançar-se à resolução do problema.

O problema da favela não resulta tanto da incapacidade do Estado em urbanizar algumas áreas da cidade ou em assegurar as mínimas condições sanitárias. O favelado já é um pária antes de ir à favela, pelo simples motivo de se tratar de um homem que não tem lugar algum onde possa se instalar, geralmente não tendo emprego definido nem situação social estável.

Em sua imensa maioria os favelados vêm do campo: a primeira questão deverá consistir em se determinar porque abandona o interior. Uma vez localizado o motivo, será necessário determinar-se se é possível o combate aos fatores que o deslocam ou se dever-se-á atacar o problema já nas cidades.

A ESTRUTURA AGRÁRIA

As grandes levas de retirantes não são expulsas do Nordeste unicamente pela seca. Bem ao contrário, esta vem se adicionar a problemas básicos e estruturais: o problema do latifúndio, da grande propriedade agrária e da exploração do arrendatário pelo senhor das terras. A exploração se faz em moldes pré-capitalistas, com circulação de dinheiro muito reduzida, com uma dependência extremamente grande do arrendatário em relação ao proprietário. Suas compras são realizadas no "barracão" do senhor das terras, a preços que este determina, geralmente segundo o sistema de vale. O lavrador saca as mercadorias de um crédito prévio que lhe é aberto pelo senhor. Deste modo está amarrado e deverá continuar a trabalhar e a comprar, em quaisquer circunstâncias.

O problema das secas seria de solução relativamente fácil, do ponto de vista econômico desde que fossem dadas as premissas sociais da região. Mas acontece que mesmo os minguados créditos destinados ao Nordeste são desviados pelos senhores que, apoiados pela política regional, distribuem os ajudes segundo seus interesses mercantis. A vida capitalista restrita destas regiões acumula seus problemas pois canaliza interesses e capitais para o sul; entra-se num círculo vicioso, no qual o verdadeiro prejudicado é o camponês que não encontra em seu trabalho quaisquer condições para sua sobrevivência. E assim migra para o sul e vem constituir as legiões de favelados.

Na realidade a mão de obra no Nordeste é em grande parte inaproveitada, sendo que o emprego parcial e mesmo o desemprego, segundo as estações vigoram. A estrutura agrária não fixa o homem à terra, reduz a produção agrícola mas fornece à indústria sulina, especialmente à construção civil, u'a mão de obra barata e sem tradição de luta sindical. O problema do mercado interno, que seria eventualmente resolvido pela reforma agrária, vai sendo relegado pelas classes dominantes, formalmente interessadas na resolução do problema, mas temerosas de que as modificações no regime de propriedade do campo viesse repercutir nas cidades. E assim as levas se vão acumulando e criando o problema das favelas.

POR QUE TRABALHAR EM FAVELA?

Pretende-se encaminhar a solução do problema através de atos beneficentes de ajuda material e moral, de encaminhamento profissional, inclusive de "ajuda a que o favelado se ajude a si próprio". Parece que assim evitar-se-ia o paternalismo. A esmola do tipo clássico, orgulhosa e tranquilizante, não satisfaz a mais ninguém.

desfavelamento:

solução?

BORIS VARGAFTIG

É hoje impossível pretendermente em torno da ajuda gratuita. E surgem assim as teorias que associam a caridade com a luta pela "humanização do homem", pela integração do favelado na sociedade. Os mais esquerdistas pretenderiam mesmo tratar-se de um primeiro passo em que o favelado receba as mínimas condições que lhe permitam elevar-se ao ponto de reivindicar. Seria uma espécie de pré-revolução.

Mas as soluções a curto e a médio prazo são claras: não adianta curar verminose ou tratar tbc quando o contágio se dá novamente no dia seguinte; não adianta eliminar algumas favelas, quicá impedir seu crescimento durante certo tempo, se os homens que a constituiriam continuam vindo do Nordeste, se os problemas sociais que estão à sua base nem foram abordados.

Pretende-se que mesmo se não for uma solução, basta salvar-se uma vida humana para já se ter realizado algo. É verdade. Mas então não se venha falar de desfavelamento e não se deixe, em cada ocasião, de assinalar as causas e as verdadeiras soluções.

A vontade de realizar um trabalho social que anima os que se engajam no trabalho de favelas é louvável. Mas é preciso mostrar claramente que se trata de bater em ferro frio, com a desvantagem suplementar de se procurar mostrar ao povo e aos favelados que o ferro está no ponto de ser batido.

O favelado não é um proletário, cuja forma coletiva de trabalho e de organização permite-lhe a compreensão da luta política e cujas reivindicações salariais são forçosamente coletivas. Na realidade a esquerda não insiste tanto no trabalho dirigido ao proletariado porque se trata de uma classe pobre. Há gente muito mais pobre e se se tratasse de procurar os mais, bastaria ir à noite em baixo de algumas pontes fazer agitação...

A classe operária, submetida à exploração coletiva nesta sociedade, é ao mesmo tempo a classe social ligada às formas mais avançadas de produção, que tem acesso à organização e a luta coletiva... Os núcleos operários marxistas mais fortes não são necessariamente os mais pobres. Estes, bem ao contrário, são menos organizados, têm menos acesso à tradição de luta sindical ou socialista e podem ser despedidos de sua empresa com tal facilidade que são desencorajados com mais intensidade. O operário de grande empresa tem outra consciência, outra tradição pessoal ou familiar de organização sindical ou (e) partidária, vive num meio em que tudo leva à organização com amplas possibilidades de vitória.

Os setores miseráveis da sociedade serão arrastados nos movimentos liderados pela classe operária, mas é inevitável que esta seja a dirigente do movimento. Do ponto de vista científico não existem revoluções sociais que não sejam dirigidas por uma classe social ou por uma aliança de classes exploradas. Quem quer transformar esta sociedade deve apoiar-se nestes setores e não fazer um trabalho vagamente dirigido aos mais pobres e mais miseráveis que no caso são os menos organizados e menos capazes de liderar algo de mais profundo.

Trabalhe-se em direção aos sindicatos, procurando influir em suas lutas e dar-lhes consciência; trabalhe-se em direção aos camponeses, especialmente em direção aos que lutam e para quem a saúde não é mais unicamente um problema particular mas envolve o fu-

turo de sua luta que representam milhões. É possível aliar-se aos trabalhadores, constituir a aliança operário-estudantil através do apoio ativo às lutas ativas, em qualquer terreno, inclusive o médico. Mas se tratará aí de uma luta com amplas perspectivas, que permitirá mobilizar milhões e não de uma campanha vaga que, por mais que idealizada em termos não paternalistas, só poderá aparecer como tal e portanto dar cobertura às taras do regime.

Em Cuba os estudantes iniciaram a revolução que encaminha a solução destes problemas e não é por acaso que a 1960 — ano da reforma agrária — sucede o ano da educação. Mas em Cuba os estudantes souberam aliar-se aos camponeses, encontrar os canais adequados para esta aliança. Não será através da campanha dos desfavelamento que isto se fará.

O PROGRAMA DO DESFAVELAMENTO

Pretender resolver hoje o problema da prostituição, alimentada pela mesma situação de miséria que gera as favelas, é sonho, é utopia e ilusão. Mas pretender resolvê-lo em outro regime social é factível. Foi o que se fez na China onde não mais existe a prostituição: foram todas recuperadas para a sociedade que não tem mais lugar para esta profissão alimentada pelo detritos do regime.

Somente soluções radicais poderão resolver o problema da favela. Em Cuba, onde o problema da habitação era dos mais graves, o encami-

a medicina preventiva na formação do estudante

Um dos defeitos básicos do ensino médico das faculdades em geral é o de dar ao estudante uma mentalidade estritamente clínica, no sentido de enxergar somente a doença e a terapêutica. Carente de formação humanística, nem mesmo o homem integral é visto pela maioria dos médicos, fica-se num plano de órgãos, sistemas e aparelhos. Se nem a visão do homem se tem, o que dizer a respeito do indivíduo no contexto social?

Em tal situação não é de admirar que a Medicina Preventiva seja posta em tais Faculdades em segundo plano! Algumas aulas teóricas de fim de curso...

Sabe-se muito da etiologia, nosologia, etiopatologia, patologia e clínica das doenças e pouca prática dá-se à profilaxia das mesmas. Aprende-se a arte de curar e esquece-se a mais grata que é a de *bem conservar a saúde*.

Querem em exemplo concreto: Qualquer quitoanita sai com bons conhecimentos de Patologia obstétrica, no entanto, no curso inteiro tem uma aula teórica sobre assistência prenatal!

Estamos, entretanto, num período de despertar da consciência social, em consequência à um movimento renovador dentro da faculdade. Despertos para os problemas da miséria de grande parte da população e dos flagelos físicos e morais que a abatem, por estudantes de medicina, quase que por intuição vocacional! Entre nós, nascem as ligas assistenciais, o ambulatório de Puericultura, etc. que se bem que com o apoio dos mestres mais esclarecidos, nascem do ideal dos estudantes. Nada mais são do que iniciativas médico-preventivas.

Os estudantes da escola Paulista de Medicina estão organizando curso de orientação sexual para moças e rapazes, com a finalidade de esclarecê-los a respeito de doenças venéreas, im-

nhamento é dos mais favoráveis, através da reforma agrária, que toma as medidas que já comentamos e através da reforma urbana.

A Reforma urbana consiste em aplicar, no nível da habitação, o mesmo que se faz no campo e nas cidades com a propriedade das classes exploradoras. Expropria-se, e se põe a serviço do conjunto da sociedade. A reforma urbana consiste em proibir que qualquer pessoa possua mais de uma residência ou um número excessivo de quartos, em libertar o capital imobiliário, colocando-o à disposição dos planejamentos urbanísticos, em nacionalizar os terrenos e hotéis das classes dominantes, em colocar à disposição do povo as residências superfúas, os tílios e casas de veraneio etc. Não se trata de medidas definitivas, mas de acompanhar as mudanças sociais que se operam no país com uma melhoria imediata do nível de vida do povo. Quem paga é exatamente quem tem parasitado o povo e vivido às suas custas, às custas da existência da favela.

É na luta por um programa destes, associado ao povo e não vindo de fora com auxílio benevolente e quase que marginal, que se poderá avançar. Encarar-la, trabalhar para que sua necessidade ganhe a consciência dos homens, é uma tarefa imensa que vai muito além do pequeno e limitado círculo do ajudismo ao favelado em que cada um se limita a dar algumas horas, durante o tempo em que frequenta a faculdade e num terreno tal que constitui, antes que um auxílio a outrém, um exercício profissional.

Outro é o engajamento, outra é a ruptura com os valores recíprocos desta sociedade que estão implícitos nesta outra atitude.

INDICADOR MÉDICO

PROF. DR. JOSE' MEDINA

Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina e na Escola Paulista de Medicina — Moléstias de Se-uhoras — Partos — Operações — Consult.: Av. Brigadeir Luiz Antonio, 1234 — Tel. 32-2902 — Resid.: Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1030 — Tel. 32-7073 — Consultas das 14 as 19 hs

DR. PLINIO BOVE

Médico — Docente da Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Doenças do fígado, Via biliares e pancreas — Consult. Av. Ipiranga, 1064 — 2.º andar — Tel. 34-2719 — São Paulo

DR. NELSON CAYRES DE BRITTO

Cirurgião — Consult. Rua 7 de Abril, 230 4.º andar — Tel. 34-1525 — Resid. Rua Cardeal Arco Verde, 650 Tel. 6-3692 — São Paulo

DR. RADYR DE QUEIROZ

Doenças Pulmonares — Consult.: Rua da Consolação, 65 — 3.º andar — Telefone: 34-9877 — São Paulo

DR. GERALDO ALVES PEDROSO

Reg. C.R.M.S.P. N.º 365 — Livre Docente pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Ortopedia — Traumatologia — Cirurgia — Doenças dos Ossos e Articulações — Fraturas — Reumatismo — Paralisias — Defeitos Físicos — Consult.: Avenida Rebouças, 517 — Telefones: 80-4444 e 8-2602 — Horário: 2.as, 4.as e 6.as feiras das 8,30 às 10,30 e das 7 horas em diante — Residência: Rua Bela Cintra, 1642 — Telefone: 80-6291 — São Paulo

CLINICA RADIOLOGICA "MORETZSOHN DE CASTRO - CATALANO

Rádio diagnóstico — planigrafias — radiografias em domicílio — Radiologistas: DR. JOSÉ MORETZSOHN DE CASTRO, VICENTE CATALANO, AFONSO VITULE FILHO, JOSÉ RIBEIRO DE MENEZES NETO, OSWALDO JESUS DE OLIVEIRA LIMA — Rua Marquês de Itú, 1018 — Telefone: 52-1701

DR. JAIME ABOVSKY

Rua Itapeva, 500 - 3.º andar - Tel. 34-7802
Rua Consolação, 3144 Tel. 8-4743 — São Paulo

DR. ANTONIO P. CORRÊA

Docente Livre da F.M.U.S.P. — Otorrinolaringologia — Surdez e Vertigens — Tratamentos e Operações — Praça da República, 386 - 5.º andar Fone: 36-5944 — Das 14 às 18 horas — São Paulo

DR. ARNALDO CALEIRO SANDOVAL

Médico Clínico — Doenças internas, especialmente das glândulas de secreção interna — Consultório: Av. Paulista, 2669 — Tel. 51-9666 — Resid.: Av. Paulista, 1793 Tel. 31-3781

QUIMIOTERAPIA ANTI-NEOPLÁSICA

Serviço Especializado — DR. ANTONIO CARLOS C. JUNQUEIRA - R. Santa Cruz, 398 Tel. 70-0141 ramal 30 S. Paulo

CLINICA DE OLHOS ARMANDO GALLO

Viaduto 9 de Julho, 181 - 9.º andar - Tel. 35-4159 - S. Paulo

Dr. Nelson Augusto Pedral Sampaio

C.R.M. 2066 — Ex-Interno do Hospital das Clínicas — Obstetria e Ginecologia — Cons.: Viaduto 9 de Julho, 181 - 10.º - Sala 1001 - Tel. 36-4989 — Res.: Av. República do Líbano, 592 — Telefone: 80-6559

DR. NOBERTO BELLIBONI

Moléstias da Pele — Alergia — Sífilis — Livre Docente da Clínica Dermatológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Consult.: Praça da República, 386 - 9.º andar Conj. 93 — Consultas com hora marcada — Tel. 36-5141 — Resid.: Rua Bueno de Andrade, 708 Apt. 4

DR. EDWIN BENEDITO MONTENEGRO

MÉDICO
Assistente da Clínica do Prof. Dr. Benedito Montenegro
Consultório: RUA MARCONI, 34 - 9.º Andar - Fone: 34-8538
(das 16 às 18 horas)
Residência: RUA JOSÉ LOURENÇO, 304 — Fone: 52-4252

DR. ERNESTO SCHROEDER

MÉDICO
LARGO DO AROUCHE, 49 - 3.º Conj. 36 Tel. 35-1228

Clínica DR. MARIO DEGNI

Cirurgia Geral, Cirurgia Toraxica Cardio Vascular e do Aparelho Digestivo — Consultas com hora marcada
Consultório — Rua Dona Veridiana, 661 — Telefones 34-44-44 e 35-97-00.

DR. INOCENCIO SARNO

MÉDICO — OPERADOR
Doenças de Senhoras — Vias Urinárias
Consultório: Praça Ramos de Azevedo, 195
Salas 503, 504, 512 — Das 14 às 16 horas — Fone: 34-1575
Residência: Fone, 34-6444 — São Paulo

DR. GERALDO SIQUEIRA HELLMEISTER

ORTOPEDIA - TRAUMATOLOGIA - CIRURGIA
Chefe da Clínica Traumatológica do Hospital S. José - S. Vicente
Ortopedista do I.A.P.M. de Santos
Consultório: Rua Amador Bueno, 181, 4.º and., Salas 49 a 52
Fone, 2-8398 — Das 14 às 18 horas — SANTOS
Residência: Rua Rio de Janeiro N.º 35 — Fone 2-3924

DR. JOÃO BELLINE BURZA

PSIQUIATRIA — CLINICA DO SISTEMA NERVOSO
Rua Ceará, 436 - Higienópolis - Tel.: 51-3344 - S. Paulo-Brasil

DRA. ELLEN SCHWARTZ

MÉDICA
CLINICA DE SENHORAS
RUA VENEZA (JARDIM PAULISTA) 239
TEL.: 8-4985 — CONSULTAS DAS SEGUNDAS A SEXTAS-
Tel.: 8-4985 — Consultas das Segundas às Sextas-feiras
Das 14 às 18 horas
SÃO PAULO

INSTITUTO DE CIRURGIA PLÁSTICA

DR. DAVID SERSON NETO
Clínica especializada no tratamento de defeitos congênitos e adquiridos — Cirurgia estética
AVENIDA PAULISTA N.º 2.669 — TELEFONE: 52-5555

Jeni M. M. Coronel

não serás veterinário de homens

S. T.

Não fomos poucos os que, no primeiro contato com os doentes, nos ambulatórios e enfermarias do H.C., reagimos de certo modo humilhante, com que certos facultativos tratam os pacientes (cada um que veja se a carapuça lhe serve).

A vida do hospital é dura e só uma reação consciente nos impedirá, de alimentar uma indiferença que aos poucos vai vendando nossa visão ao que há de humano nos enfermos, que, por terem de procurar uma assistência médica gratuita, paga cooperando com o nosso aprendizado de futuros médicos burgueses.

O Prof. Luiz Décourt orientando-nos nesse campo, dentro de uma perspectiva humana e cristã, permitiu-nos transcrever nas páginas de «O Bisturi» trechos de sua oração de paraninfo, proferida para a turma de 1957, na qual traça, de modo preciso, normas de conduta cristã para as relações médico-doente.

Aqui vai; como um lembrete para os que sabem, e como guia para os que ainda não aprenderam o valor da pessoa humana, afim de que não venhamos a nos tornar, como muitos já se tornaram, veterinários de homens.

«O grande Osler exigia que a lâmpada das enfermeiras nelas iluminasse sete virtudes essenciais: o tato, a presença, a reserva, a piedade, a afabilidade, a jovialidade, todas ligadas entre si pela caridade. O mesmo devemos poder os médicos.

Atentai, porém, que o direito ao socorro médico é o mais inalienável de todos os direitos, o mais inerente à nossa fraternidade humana.

REALIZAREIS, PORTANTO, A VOSSA MEDICINA COM CARIDADE E NÃO POR CARIDADE: como quem reconhece, no próximo, o direito ao amor e ao amparo e não como quem, apenas por generosidade, estende uma escola a um necessitado. Permitti que vos recorde, ainda, que, dados os aspectos da medicina moderna, mais

do que nunca se torna necessário que não se perca a visão do homem. Com o extraordinário desenvolvimento técnico de nossos dias, grande parte da medicina se processa nos laboratórios e nos gabinetes de investigação. A doença presente fragmenta-se, então, em aspectos parciais estudados, separadamente por uma multidão de métodos de análise: a microscopia, a bioquímica, o exame histo-patológico, a radiologia, a endoscopia, a eletrocardiografia, a eletroencefalografia, o cateterismo de órgãos, o percurso de isótopos radio-ativos no organismo e tantos outros. E', sem dúvida, um estudo profundo, seguro e fértil. Mas, na minúcia do pormenor, desaparece, muitas vezes, a imagem do conjunto; NA FASCINANTE BUSCA DE UMA VERDADE REGIONAL, IGNORA-RA-SE INTEIRAMENTE O HOMEM QUE SOFRE.

E' para ele que solicito também a vossa atenção.

Em uma das Semanas de Debates promovidos pelo Centro Católico dos Intelectuais de França, precisamente na sétima delas em novembro de 1954, o primeiro tema considerado foi o do «Homem como problema para o próprio Homem». E, em sua Sessão inaugural, Robert Garric lembrava certos perigos da posição secundária em que se coloca o indivíduo. Epocas onde parece existir certa negligência na atenção ao problema do homem; que parecem dominadas apenas pelo decurso dos acontecimentos e pelos movimentos do progresso técnico e científico. Períodos vividos em superfície, como se um grande obstáculo afastasse a humanidade se seu ser íntimo.

«São momentos», diz ele, «onde a discussão ideológica e o mito do progresso parecem substituir e ocultar a análise profunda do ser».

Vivemos, agora, um destes períodos. As maravilhas da técnica, que permitem tantas

realizações espantosas, esgotam nossa capacidade de admiração e assumem postos de elevada hierarquia em nossa formação mental.

A vida espiritual se encolhe, então, e quase se anula, na modéstia de sua posição.

E o homem moderno, ou a ignora de todo, surdo ao apelo interior, ou lhe confere lugar secundário, desvalorizando o indivíduo, que se torna figura apagada sem relevo na massa de homogeneidade coletiva.

Em medicina, o obsorvente trabalho técnico nos laboratórios de investigação ou a rotina de uma situação mil vezes repetida, podem contribuir para essa deformação do problema real do homem doente.

Há a despersonalização do indivíduo, que passa a ser mera modalidade reacional, idêntica a tantas outras vistas todos os dias e, portanto, monótona, para não dizer desinteressante e tediosa.

E' necessário, pois, que se estabeleça uma hierarquia de valores, e o médico que participa da técnica e participa do indivíduo, está em perfeitas condições de fazê-lo.

Há um prestígio da técnica e — como é compreensível a qualquer um — uma evidente lógica nesse prestígio. O que não é lógico, entretanto, é o anulamento do homem pela conquista do próprio homem; o que não é lógico é o maior interesse pelo funcionamento de um «robot» do que pela crise emocional que experimenta o doente do leito «x»; a maior curiosidade pelo tipo de onda que emite o satélite artificial do que pela situação sanitária das crianças de nossa Capital.

Colocado muito próximo à complexidade interior do indivíduo, o médico deve ser essencialmente a compreensão e o amparo. Não apenas e competente conhecedor, de processos mórbidos e de seus eventuais efeitos no organismo humano, como também, para cada um, o apoio na hora do desvalimento.

Assim, «procurai elevar a mente que sossobra. Não calculais o efeito benéfico de uma palavra serena, na tormenta de um espírito agitado pela doença. Há ocasiões — e veis muitas — em que mais vale o que o médico diz do que aquilo que o médico faz. Nelas, compreendereis toda a força da palavra quando emprenda no momento oportuno» (Décourt, 1951).

relatório das atividades da congregação de alunos

Até a presente data a Congregação de Alunos fez cinco reuniões ordinárias. A primeira reunião realizou-se no dia 12-4 sendo que, com o comparecimento maciço de todos os congregados, puderam ser delineados os planos de trabalho para 1961; assim foram nomeadas duas comissões: uma encarregada de estudar e procurar solucionar os problemas que atualmente assolam o Pronto Socorro do H. C. e também os relacionados a internato e maternidade; a outra comissão, que tem caráter permanente dentro da atual gestão, e que merece de todos nós colaboração e apoio, está estudando problemas concernentes à Reforma Universitária.

Ambas comissões são autônomas, porém devem prestar contas à C. A.; não são obrigatoriamente constituídas por elementos apenas da C. A., mas dela poderão participar e trabalhar ativamente todos que realmente interessarem.

A comissão de PS tão logo constituída iniciou suas atividades entrando em entendimento com professores e dirigentes do H. C. Na última reunião já apresentaram resultados concretos, como entendimentos tidos com o Prof. Décourt e manifestação, por carta, a CASE.

A comissão de R. U. também tem realizado plenamente suas funções: todos responderam ao inquirido sobre ensino médico, Universidade, Relações Universidade e Sociedade, preparado por essa comissão — dela saíram os elementos que participaram representando o C. A. O. C. no I Seminário de Rofarma Universitária da UEE; neste seminário os representantes de nosso Centro Acadêmico saíram-se brilhantemente — a direção dos trabalhos da comissão de Ensino Médico ficou a cargo de elemento de nossa Escola.

A comissão de reforma trouxe do Seminário um relatório.

Vencida a primeira etapa de seu plano de trabalho essa comissão passará a segunda parte: trata-se de realizar aqui em nossa escola uma série de mesas redondas com a participação de elementos conhecedores de Ensino Médico. O objetivo é alcançar um cabedal de argumentos que sejam base para uma ação decisiva na luta pela evolução de nosso padrão de ensino.

Foram tratados também na III.^a e IV.^a reuniões ordinárias da C. A. problemas relativos a entrada de propagandistas profissionais no H. C., e a permanência de

ambulantes nos arredores da Escola e H. C. Quanto a isto a C. A. manifestou-se ao Secretário de Higiene da Prefeitura, à Superintendência do H. C. e ao Serviço Social, apontando o problema e sugerindo soluções.

A Congregação de Alunos publicará em todos os números d'«O Bisturi» que se sucederem a este, um relato de suas atividades, a fim de manter informados os colegas e divulgar problemas como é o caso do PS.

E' preciso que toda a escola sinta tais problemas pois quando uma ação conjunta se fizer necessária, a C. A. poderá encontrar dos colegas integral e consciente apoio.

SECRETARIA DA C. A.

noticiando e comentando

REVOLUÇÃO — No centro de debates houve mudança de diretoria e o novo ocupante do cargo está disposto a movimentar o ambiente desta FUMSP, com conferências, cursos e debates abertos a todas as ideologias e faltas de... São aceitas sugestões a respeito dos assuntos a serem abordados.

VESTIBULANDOS — Apareceu por aqui um dia desses nas dependências do CAOC um grupo de vestibulandos (e andas) que pleiteavam aumento de vagas nesta Faculdade e queriam o nosso apoio. Não o tiveram. Por que?

Porque este problema também é nosso e está sendo estudado por professores e alunos não só de nossa Faculdade como também de outras. Com o firme propósito de chegar honestamente a uma solução satisfatória.

Há muitas maneiras de encerrar o mesmo problema.

Uma é a de centenas de vestibulandos que vêm muitas vezes suas vidas truncadas por não poderem seguir um curso pelo qual há uma gritante desproporcionalidade entre o número de candidatos e o de vagas. Outra nos foi apresentada pelo professor Leser, numa reunião em que se discutia este assunto; há em São Paulo um número de médicos, relativamente a sua população, mais que suficiente quando comparado com outros locais mais civilizados do mundo. Esta suficiência torna-se mais berrante quando olhamos para a situação no interior de nosso Estado e muito mais se comparada com outras plagas deste Brasil afóra...

O interior, as cidades quase esquecidas, estas sim, precisam de quilos de médicos, médicos em grande número, formados em menor tempo técnicos que poderão atender as primeiras necessidades de seus meios. Quando esta exigência inicial for alcançada pensaremos em levantar o nível das faculdades, que aí evoluirão com a realidade brasileira.

Nós, universitários, lutamos por uma solução que está sendo objetivamente procurada. Acreditamos, no entanto que nada será resolvido se baixarmos o nível de nossas escolas, que realmente não comportam um número dobrado de alunos, como já provou a experiência quando um político sem evidentemente estudar seja o problema seja coisa nenhuma criou de uma penada uma turma de 160 alunos.

O nível desta Faculdade, que ainda deixa a desejar, foi conseguido com o suor de gerações e não deve ser rifado. Pelo menos não sem um estudo sério do que se está fazendo.

nova atlética

É difícil não perceber certas mudanças que se operam na atlética:

1. Onde está aquela densa suspensão verde-opaca, tão familiar, que recebia o nome de «água da piscina»? Resolveram acabar com ela, e agora resta apenas aquela fria transparência, deixando desnudas as já estranhas paredes de mármore. Resta-nos apenas uma dúvida: quando voltar o verão, com levas de banhistas, qual vai ser a cor do caldo? Em julho próximo os «atleticos» pretendem reformar internamente a piscina; esperemos para ver o que vai acontecer.

2. A «gente d'rua», ou melhor, os muleques que serviam de preleto para o Albino dar uns tiros e soltar a característica carga de palavras, nos momentos mais convenientes, estão desaparecendo na medida em que o muro vai cercando os campos de esporte.

3. Com a devastação das matas situadas atrás do vestiário, descobriu-se uma vasta área que pode muito bem ser aproveitada. Os reformadores estão pensando em consertar os aparelhos de «paralela», «barra fixa», etc.,... que estavam abandonados naquele lugar, e ajardinar devidamente o restante do espaço não aproveitado.

4. O ginásio sofreu também um tratamento completo. Melhorando a iluminação da quadra interna, foram postas telhas de vidro e, para jogos noturnos, foi instalado um sistema satisfatório de lâmpadas. Todo o prédio, tanto interna como externamente, sofreu um caimento. No vestiário além da limpeza, pintura, reposição de vidros quebrados, foi instalado um filtro de água,

para evitar maiores epidemias entre os colegas. Até o Albino ganhou uma cama nova com colchão de mola, o que aliás foi lamentável porque o velho já declarou: «Estes... não deixam a gente dormir? Antes das onze horas eu não abro o vestiário».

5. A quadra de tênis embora não esteja completamente pronta já tem sido usada por nossos raros tenistas.

6. O campo de futebol foi replantado já não havendo mais aquelas «carecas» que com as chuvas se transformavam em mares de lama.

7. Algumas pistas de atletismo foram descobertas sob a grama que cercava o campo de futebol. As recém descobertas bem como as já conhecidas estão sendo trabalhadas, e em breve estarão novas.

Três grandes passos estão sendo projetados para o segundo semestre. Um deles é a imprescindível construção de um novo prédio para a instalação de um condigno vestiário feminino. Neste sentido está sendo solicitada uma verba junto à reitoria da USP. Outro trabalho é o de conseguir que a Prefeitura asfalte e ilumine a rua Ovidio de Campos, que malgrado sua importante posição está em completo abandono. Finalmente o terceiro é conseguir por meio do DOP a melhoria do abastecimento de água através do DAE.

Como vemos a atual diretoria da AAAOC merece reais cumprimentos pela reforma de suas instalações, que tem como sentido principalmente estimular a prática dos diversos esportes em nosso meio.

Instituto de Medicina e Cirurgia

MEDICINA — CIRURGIA — MATERNIDADE — RAIOS X
ORTOPEDIA E PRONTO SOCORRO DIA E NOITE

Diretor:

DR. S. DANIACHI

Residente:

DR. H. CAMPELLO

ABERTA A TODOS OS MÉDICOS

Rua Humaitá N.º 409 — Fone: 32-7019

São Paulo

TORRES

focaliza

— 6 lustros de existência completará em breve o Laboratório Torres, longo caminho percorrido, acompanhando o progresso e o desenvolvimento industrial do país.

— Hoje, a Organização estende-se por todo o território nacional, abrangendo 14 Filiais e 8 Agências, além de representações em diversos outros países.

— 117 filmes médicos e cirúrgicos devem sua elaboração ao esforço conjugado dos Senhores Médicos e de nosso departamento especializado.

— Estes filmes foram realizados dentro das mais perfeitas condições técnicas, tendo, inclusive um deles, merecido o Prêmio Internacional de Cinema «Marey», em 1950.

— No setor da assistência social o Laboratório tem elevado continuamente os serviços prestados aos seus funcionários, proporcionando, em média, 300 consultas médicas, 100 curativos, 300 injeções e 160 tratamentos dentários, mensalmente.

Departamento de Divulgação Científica



IN HONORE VIRTUS

noticiando e comentando

O Departamento Beneficente, no cumprimento de suas finalidades de assistência aos colegas financeiramente necessitados, conseguiu aulas particulares de Física, Química e Histologia a dois colegas, o que os têm ajudado bastante.

O Departamento colaborou com o Centro no selecionamento de quintanistas para trabalharem como assistentes-médicos no Presídio da rua da Alegria. Participou também na escolha dos novos "inquilinos" da Casa do Estudante. Ficou estabelecido na ocasião, que o contrato com a Casa será de dois anos, fato de relevante importância, uma vez que, colegas que melhorarem de situação nesse período, poderão sair, dando lugar a outros mais necessitados.

O Departamento tem ajudado colegas em "aperturas agudas", sob a forma de ofícios para facilitar a obtenção de bolsas, refeições provisórias gratuitas no H.C., etc. Criamos também uma seção de trabalhos de taquígrafia. Os interessados deverão procurar o Isaac (5.º ano). Paralelamente formamos uma seção de Datilografia, cujo encarregado é o Yoji (2.º ano). Essas seções recebem trabalhos e os distribuem aos interessados.

O D.B.A.V.C. pretende conseguir doações de indústrias e laboratórios da Capital à Diretoria da Faculdade, para que ao lado da reforma material da Biblioteca, faça-se também uma reforma e uma atualização de seus livros, qualito-quantitativa, de modo a possibilitar o atendimento de um número maior de consulentes.

Conforme havíamos noticiado, o Departamento tem dado continuidade ao trabalho de conseguir que os cargos de Propagandistas no H.C., sejam por ele distribuí-

dos de modo justo. Para tanto já conversou com todos os atuais sextanistas representantes, os quais em maioria, apoiaram e felicitaram a idéia. O próximo passo à sua consecução será oficializar este propósito junto aos laboratórios para os quais serão enviados ofícios expondo a idéia e solicitando o apoio.

Pedimos a colaboração de todos os colegas no sentido de conseguirmos levar avante essas idéias, bem como que nos ajudem com sugestões e críticas construtivas.

ESCLARECENDO a quem possa ter interpretado mal uma nota do último número do "Bisturi" que criticava certos aspectos da Biblioteca Cultural do CACC, comunicamos que não estávamos, nunca estivemos e esperamos não precisarmos nos referir a Biblioteca Cultural da FMUSP.

Aproveitamos esta oportunidade para declarar que pelos planos da comissão de biblioteca ela será reaberta em julho (acreditamos que de 61).

Depois de tanta reforma teremos reais melhorias, como só para citar algumas a criação de uma sessão de permutas, outra de microfílmes, etc., além do aperfeiçoamento das já existentes.

COMPLETOU 25 anos de cátedra o prof. Alípio Correia Neto, que é um dos raros mestres desta Faculdade que "amigo dos seus discípulos, conhece os seus problemas e ajuda a solucioná-los; tem idéias bastante elevadas que o levam a concordar conosco, estudantes, na

reforma desta arcaica estrutura universitária e na integração do aluno nos órgãos diretivos da Faculdade" citando o discurso que lhe foi proferido pelo orador do CAOC em solenidade comemorativa.

E POR FALAR NISSO o prof. Decourt comemora seu jubileu profissional. Associamo-nos aos elogios que o mestre, um dos raros que temos na aceção mais ampla do termo, recebeu:

"Tendo imaginado o Professor como uma figura plutarquiana na qual ao lado da cultura científica e humanística se sobreleva a correção, a correção moral e dos sentimentos, dos gestos e das atitudes, preparou-se

para atingir a cadeira revestido de todas estas qualidades".

POLÍTICA houve e muita nestes meses que passaram. A invasão de Cuba provocou alguns caras a sair dançando de alegria no corredor e fê-los proclamar aos quatro ventos que "a cruz que o próprio Deus colocou sobre este hemisfério não há de ser arrancada pelo tirano Fidel". Setenta e duas horas depois murcharam as orelhas e foram para casa. A cruz continuava no lugar. Fidel também.

FAVELA — Formou-se uma comissão com representantes de dezesseis centros acadêmicos para o estudo dos planos de desfavelamento e erradicação das favelas: para tanto foram formadas

comissões especializadas para cada tipo de trabalho: comissão de planejamento cadastral; comissão de coordenação; comissão de esclarecimento da opinião pública; comissão de fundos, etc.

O trabalho exige um contingente muito grande, motivação humano muito grande, motivo pelo qual faremos um convite a todos os universitários, quaisquer que sejam suas tendências políticas, filosóficas ou metafísicas para cooperarem nesse trabalho que visa fundamentalmente promoção humana — ação não pelo favelado mas com o favelado.

Nesse movimento não foram esquecidas as causas mais profundas da formação de favelas, o encaminhamento da solução mais geral deve ser escolhido por cada um de acordo com suas perspectivas políticas.

Realizou-se durante o mês de maio na Bahia o "Seminário Nacional de Reforma Universitária" promovido pela UNE. Do CAOC participou o colega José Carlos Seixas, vice-presidente da UEE. Do Seminário participaram também representantes do Governo Federal.

A Diretoria do CAOC nomeou uma comissão para estudar e elaborar uma campanha, visando dar à nossa Biblioteca Central um maior número de textos básicos atualizados, que viria facilitar bastante a todos, o estudo por compendios fundamentais à nossa formação médica.

A comissão está aberta a todos os interessados e aceita sugestões. Informações com o Tincopa e a turma do Dep. Ben. Arnaldo Vieira de Carvalho.




Orgão Oficial
do Centro Acadêmico
"Oswaldo Cruz"
Faculdade de Medicina
da Universidade
de São Paulo

O BISTURI

ANO XXVIII
Diretor: Clemente I. Ribeiro de Almeida
Casa de Arnaldo, Agosto de 1961
Diretor Técnico Comercial: Reinaldo Fagundes Micel
N.º 99

a guisa de algumas observações sobre exames vestibulares

TERMINOU brilhantemente o Curso de iniciação à pintura moderna, do Departamento Cultural do CAOC. Sérgio Milliet que por duas vezes ficou de dar a última conferência simplesmente quebrou a mão, o que nos deu ensejo de, na primeira vez, assistir a um belo filme de pintura maluca e na segunda de suspirar de alívio, retirar os diplominhas e pregar-los na porta para que todos vejam quão cultos somos.

DÁ VONTADE DE VIRAR MACACO o magnífico biotério que o Abrão instalou nos seus domínios proibidos e onde, segundo avisos colocados em tudo quanto é porta. "Não é permitido o ingresso sob qualquer pretexto" "Não teime" "Não adianta bater" "Desista", etc. etc. Entretanto nossos serviços secretos asseveram que a coisa é tão bem instalada que do teto escorrem permanentemente gotas de Chanel n.º 5, as barras das gaiolas são douradas e uma suave música de ninar embala o sono permanente dos símios... e do Abrão também.

Pediram-me, os alunos, alguns comentários sobre os vestibulares, as modificações introduzidas neste ano e perspectivas para o futuro. Vão aí, pois, algumas idéias para pô-los a pensar. As principais modificações introduzidas no Exame Vestibular, neste ano, foram as seguintes:

a) transformação do seu caráter de Exame de Habilitação para o de Exame de Seleção. Eliminarem-se, assim, aspectos bastante injustos e antipáticos, quais sejam as eliminatórias em exames sucessivos e de diferentes matérias e as famosas notas mínimas.

A introdução de um exame eliminatório de todas as matérias permitirá separar os alunos mais habilitados pela média de conjunto, evitando que m insucesso em uma só Cadeira comprometa irremediavelmente o resto do concurso.

b) Nos restantes exames escritos, também valerá a média, sendo que o exame de portuguesa, se bem que de caráter eliminatório, não participará da média geral.

c) Finalmente, reintroduziram-se nesta Faculdade os exames práticos, que serão feitos porém, em estilo de "gincana", evitando assim, a multiplicidade de bancas e critérios e um ponto único para todos os candidatos.

Consideramos esta modificação de importância fundamental, pois levará os ensinados destes assuntos nos ciclos científicos e cursivos, falha gritante que existe entre tantas outras no nosso ensino secundário.

Restam, no entanto, vários e importantes problemas a resolver, sobre os quais não vejo possibilidade de solução em futuro próximo. Refiro-me principalmente à seleção de inteligência e moral dos candidatos que poderia ser explorada através de testes de personalidade, de interesse e entrevistas.

Necessitamos também de um estudo psicológico dos candidatos e o seu "followup" durante o curso.

De caráter urgente seria também um estudo aprofundado dos resultados dos exames progressos e sua correlação com o comportamento dos alunos durante o curso médico. Para tal, temos uma riqueza enorme de material, praticamente inexplorado.

Estes estudos deveriam ser iniciados com urgência e acompanhados durante um longo período de tempo, a fim de que pudéssemos estabelecer critérios mais seguros na orientação dos futuros exames.

No estado atual, é forçoso confessar que apenas o bom senso é que tem permitido modificações que achamos serem aperfeiçoamento dos vestibulares.

Dados científicos não existem e daí depreende-se a de grande importância que teria a organização de um centro universitário de estudos sobre exames, a fim de que pudéssemos coletar dados concretos nas nossas condições sociais.

Devo dizer, porém, que sou pessimista quanto ao futuro em relação a tal empreendimento. Não creio que nosso ambiente social esteja suficientemente maduro para tal.

Nosso meio universitário encontra-se, no momento, infestado pelo vírus que assola a vida pública brasileira e que leva as autoridades a pensar que a presença de grandes prédios resolve todos os problemas. É a "monolitite", no dizer pitoresco de Schreiber.

É clássico o exemplo de quase todos os Hospitais de Clínicas das Faculdades de Medicina do Brasil que deveriam, seguindo elementar bom senso, ser Hospitais Universitários, com número reduzido de leitos, onde se pudesse aliar o ensino à pesquisa. O triste exemplo sempre presente do nosso Hospital repetido pelo Brasil afóra, dispensa comentários.

Um fato que atesta, na melhor das hipóteses, a imaturidade do nosso ambiente é o modo como são distribuídas as verbas existentes para a pesquisa. A distribuição de polpudas, para não dizer fabulosas verbas a charlatães que só conseguem certa repercussão local através de manobras políticas e manchetes de jornais, é fato tão corriqueiro que serve de atestado ao grau de desenvolvimento das nossas classes dirigentes.

Outro exemplo deste fato e do império da damogogia refere-se ao espetáculo ridículo que São Paulo teve ocasião de presenciar há alguns dias, onde rapazes se atiravam ao chão em público, protestando contra o que eles consideram número diminuto de vagas na Facul-

L.C.U.F.

dade de Medicina. Nenhum desses rapazes e, pior ainda, daqueles que os orientam e estimulam com indisfarçáveis intenções demagógicas, se baseiam em estudo sério, das necessidades atuais e futuras de médicos para este Estado. Aliás, toda vez que se fala em ampliação de vagas, esquecem os demagogos que o fator qualidade, principalmente na carreira médica, é tão ou mais importante do que o de quantidade. Nós, que por força de acompanhar os exames vestibulares, sabemos do baixíssimo grau de instrução com que a grande maioria se inscreve nestes exames, não podemos deixar de ponderar que seria tão melhor para a sociedade e ao país se esses rapazes e seus investigadores gastassem suas energias nos livros ao invés de rolarem pelas ruas... O ensino médico, que é dos mais caros do mundo e que envolve uma complexidade tremenda a cada dia crescente, não merece ser tratado com a leviandade com que vem sendo considerado. São essas manifestações que refletem bem o nosso estado de país com pruridade de desenvolvido, mas realmente com cerca de 50% de analfabetos.

É o analfabetismo, na verdade, o problema chave do Brasil. Sua solução representa meio caminho andado para o saneamento dos males que nos afligem. Infelizmente esta constatação acaecena, por uma razão ou outra tem escapado à grande maioria das nossas classes dirigentes e entravado, assim, de maneira vital, o nosso progresso nestes decisivos anos de formação da nossa nacionalidade. É por isto que olho com muito ceticismo para este movimento de Reforma Universitária. Para se reformar a Universidade é preciso primeira-tê-la (e não o aglomerado de Faculdades) e isto só se consegue com mentalidade Universitária baseada em uma sólida extratificação de cultura. Infelizmente o Brasil tem menos de 60 anos de pesquisa científica sistemática e estamos, portanto, gatinhando em matéria de cultura. Será preciso um grande e inteligente esforço dirigido a fim de que possamos sanar esta grande falha na nossa formação, sem o qual continuaremos por longo tempo ainda com o rótulo do país subdesenvolvido.

OCULOS

ÓTICA - FOTO

AMBASSADOR LTDA.

AOS ALUNOS DA FACULDADE
E' CONCEDIDO UM DESCONTO
DE 15%.

Rua Bráulio Gomes, 37 Tel.: 36-1373
SÃO PAULO

CURSO

9 DE JULHO

— DE —

VESTIBULARES DE MEDICINA

DIREÇÃO:

Geraldo Camargo de Carvalho

Praça da Liberdade, 262
1.º e 2.º Andar
São Paulo